

# Setembro Amarelo: suicídio ainda é tabu na sociedade

Campanha chama atenção para um problema de saúde pública que precisa de mais atenção da população. **Páginas 5 e 6**

## Entrevista



**Mônica Vilaça** Ativista e doutoranda em Sociologia fala sobre as raízes do racismo no Brasil. **Página 4**

## Paraíba

### Em Campina Grande, UFCG realiza pesquisa com rede 5G

Laboratório estuda a "internet das coisas" ancorada em uma conexão muito mais veloz que a atual. **Página 16**

## GIRO NOS MUNICÍPIOS Paraíba



**Santa Luzia** Criatividade e tradição atraem turistas de todo o país até o município. **Página 8**

## Geral

### Dia da Cachaça: produção da PB é destaque nacional

Mais de 100 engenhos paraibanos produzem, anualmente, 16 milhões de litros da bebida. **Página 3**

Foto: Divulgação

## Cultura



**Eleição é amanhã** Ângela Bezerra de Castro disputa, sozinha, a presidência da APL. **Página 9**

## Diversidade



### Elas voam, cantam e embelezam João Pessoa

Suiriri, bem-te-vi (foto), cardeal, coruja, corruíra, garça, lavadeira... conheça as espécies de aves que, diariamente, sobrevoam as ruas da capital. **Página 13 e 14**



Foto: Francisco França

## Almanaque



**A modernidade chega de trem** A trajetória das estradas de ferro, na Paraíba, das primeiras linhas construídas no período da Monarquia até os dias de hoje. **Página 17**

Foto: Arquivo A União



Editorial

# A casa

A casa deveria ser o espaço inviolável de todos os seres humanos, que a ela teriam direito, sem exceção. Uma espécie de caneteiro no qual vicejariam as flores do bem, cujo escudo de energia protegeria moradores e moradoras das intempéries naturais e da insensatez humana. Casa como refúgio de guerreiros e guerreiras; templo para o descanso, a diversão e a meditação sobre si mesmos e o mundo, vasto mundo, que se estende além da porta.

No entanto, a casa, com licença da expressão, às vezes configura-se talvez pior que a mais horripilante passagem do inferno de Dante. É que em alguns lares acontecem alguns dos mais intoleráveis comportamentos humanos, a exemplo do espancamento ou assassinato de mulheres (crimes de gênero) e estupro de filhos e filhas, muitos ainda na ilusão da infância. Ser brutalizado dentro da própria casa pode levar à diluição de qualquer esperança na vida.

Qual o significado do amor e da paixão, por exemplo, para uma mulher que, em nome desses sentimentos, apanha quase todo santo dia do marido? Que prazer ou apego esta mulher pode ter pela casa, lugar que esconde, do mundo lá fora, os suplícios que ela sofre? E uma criança? Em quem mais no mundo ela vai confiar ou esperar carinho e educação, se aquele que a gerou, e que deveria ser a sua fortaleza, corporifica, dentro de casa, a imagem da besta?

A pandemia do novo coronavírus fez com que muitas pessoas, homens, na maioria, de certa forma, retornassem ao lar. A doença deu a oportunidade do reencontro; do recomeço. Reconstruir e retomar a estrada da felicidade conjugal, que anos atrás fora prometida. O tão almejado momento da reflexão e do perdão, ao qual se seguiria uma nova postura; uma maneira inédita de relacionamento, alicerçada no valor supremo do respeito ao outro.

Infelizmente, não está sendo assim. Os casos de agressão a mulheres, dentro de casa, aumentaram com a pandemia. Por outro lado, o Brasil exhibe a vergonhosa estatística que contabiliza mais de 180 estupros por dia, sendo a maioria contra crianças. A casa, portanto, não pode ser inviolável. O braço da lei, sempre que se fizer necessário, deve abrir a porta e arrastar lá de dentro o agressor, levando-o às barras da Justiça, para prestar contas de sua brutalidade.

Artigo

Martinho Moreira Franco  
martinhomoreirafranco46@gmail.com

# O melhor era mais em bairro

Filho de desembargador e, quando criança e adolescente, morador de ruas do centro de João Pessoa, o doutor (da medicina e da crônica) José Mário Espínola não deve guardar dos cinemas de bairro as mesmas lembranças infantis e juvenis que deles preservo como filho de porteiro do Tribunal de Justiça e morador de Jaguaribe. Até porque não frequentava com assiduidade compulsória, feito eu, aqueles ambientes. Em texto recente no blog "Ambiente de Leitura Carlos Romero", o cardiologista que afaga o coração dos pacientes com sua prosa esmerada, revela ter ido uma única vez ao Cine São José e algumas outras ao Metrôpole. Era freguês do Plaza, do Rex e do Municipal. Também morei em ruas centrais da cidade, mas, além destes três citados, mantinha freguesia no Cine Brasil e no Felipeia. Nada se comparava, todavia, à frequência aos cinemas de bairro propriamente ditos.

/// Também morei em ruas centrais da cidade e, além do Plaza, Rex e Municipal, montei freguesia no Cine Brasil e no Felipeia. ///

Ir a cinema do gênero era bem mais do que simplesmente ir ao cinema. Avalio por Jaguaribe, onde nasci e me criei. Lá, havia logo três casas de exibição: o Cine Jaguaribe, o São José e o Santo Antônio. Todos de esquina, conforme natural na época. E justamente a esquina assinalava o diferencial na ida ao cinema de bairro (o Metrôpole ficava na Torre). A área equivalia a uma sala de espera ao ar livre na qual rolavam desde o bate-papo entre amigos até a paquera com mocinhas do lugar.

Naqueles tempos, aliás, rapazes da cidade chamavam Esquina do Pecado a confluência entre a Praça 1817 e o Ponto de Cem Réis, no Centro, porque as lufadas do vento soprado da Lagoa faziam tremular freneticamente as saias modelo godê de moças que atravessavam as calçadas, dando a maior bandeira quando a barra da roupa subia até metade das coxas. Era uma visão realmente pecaminosa para os padrões vigentes, cabendo anotar, porém, que

havia uma certa cumplicidade entre transeuntes e observadores da cena – algumas moças só cuidavam de resguardar o objeto de desejo dos rapazes quando a saia já estava nas alturas. O pecado morava, assim, dos dois lados.

As esquinas dos cinemas de bairro, neste sentido, eram castas. Nelas, o clima de paquera era de recato na troca de olhares e mesmo em eventuais cumprimentos entre os que já "se conheciam de vista". Cabe aqui uma menção a como se caprichava no visual para ir-se ao cinema. Os marmanjos, por exemplo, se preparavam em casa a fim de "bonecar". A forma verbal não possuía conotação pejorativa, pois "boneco" era o cara que se considerava com pinta de galã... de cinema. As garotas, por sua vez, se requintavam no laquê aplicado aos cabelos (passavam a tarde usando bobs), nas saias de fustão e nas blusas de tafetá ou (aos sábados, domingos, feriados e dias santos) de organdi bordado. Todos, enfim, movidos por emoções e costumes peculiares à juventude da época.

Nem só de paquera, diga-se de passagem, viviam as esquinas dos cinemas de bairro. Ali, entre a rapaziada, também se discutia futebol, noticiário policial, marcas e modelos de carro, calendário escolar e outros temas da atualidade. Jogava-se conversa fora à vontade e havia mesmo quem aproveitasse a ocasião para negociar impressos tipo revista em quadrinhos e até produtos inusitados como bicicletas, acreditem. O local era, enfim, um misto de praça, recreio de colégio e feira, correspondendo a uma sala de espera bem original. Tem mais: encerrada a exibição, sobrava um tempinho para comentar o filme ou conferir se a sessão renderia alguma possibilidade de namoro. O final feliz poderia depender muito da expectativa concretizada. Que pena o dr. Zé Mário não ter sentido mais vezes bater de esperança naqueles espaços o seu coração!

Artigo

Sitônio Pinto  
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

# Psicografia

Tem uma alma que está insistindo comigo para psicografar. Eu disse a ela que não acredito em almas. Ela retrucou dizendo que tinha mensagem importante para dizer. Importante para quem? Perguntei.

- Importante pra vocês do Brasil.

- Procure Chico Xavier, que é interessado nessas coisas do além. Estou mais preocupado com a Corona - respondi à alma impertinente.

- Sitônio, deixe de ser arrogante. Ouça o que tem a dizer uma alma penada.

- É botija? Só atendo alma se o assunto for botija. Se não for, vá em frente.

- Não é botija mas é do interesse nacional, seu comunista.

- Você quer me prejudicar, com essa estória de comunista. Foi assim que Trótsky morreu. Eu sou apenas a favor da revolução permanente. Ora, o curso da História é uma revolução permanente. As raparigas em flor sabem disso, como é que uma alma vem lá da eternidade me perguntar essas coisas?

- Você é uma alma materialista, - disse a alma insistente.

- Sou um melro (sic) cronista, que defende o leite das crianças aqui no jornal. Nos bons tempos, eu tinha uma coluna diária. Mas a idade já pesa nas teclas do computador. Elas estão ficando todas pretas, como as teclas graves do piano.

Preciso fazer como Roberto Carlos; "eu voltei, aqui é o meu lugar... eu voltei... o meu cachorro me sorriu latindo..." ainda bem que ele me reconheceu. No meu retorno do Sul Maravilha, o cachorro do bar (Leão, d' A Toca do Coelho) me cumprimentou.

Cachorros não são como as alimárias. Estas são videntes, veem as almas; se a vereda tiver muitas cruces, das mortes morridas ao longo do percurso, os cavalos registram sua presença. Eu digo

"cavalos" mas incluo também os burros e jumentos, os machos e as fêmeas; estas, têm mais mediunidade, pois foi uma jumenta que carregou Maria e o Menino até o Egito. O Livro não refere cavalos na História Sagrada, mas jumentos e burros. Confira: "não desejarás a mulher do próximo [do parente], nem sua jumenta... sua vaca... sua cabra..."/ Os cavalos chegaram com o surrealismo: "há cavalos de fogo: mel e fel / o cavalo que vai com Satanás / E o cavalo/ que vai com São Miguel./ Vão todos dois, e cada qual com um ás (Jorge de Lima).

- Dona Alma, me diga uma cousa... uma solução para o desemprego...

- A criação de um terceiro turno de trabalho... o exército de reserva seria absorvido e absolvido. Tiravam-se os desocupados das ruas e se reduzia a criminalidade...

- Será que sobraria uma vaguinha para uma alma velha?

/// Eu sou apenas a favor da revolução permanente. Ora, o curso da História é uma revolução. ///



Domingos Sávio  
savio\_tel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigele Léa Fernandes  
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO  
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$200,00 / Semestral ..... R\$100,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:  
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

# Qualidade da cachaça feita na PB é destaque nacional

Mais de 100 engenhos paraibanos, alguns centenários, produzem anualmente 16 milhões de litros da bebida destilada

**Sara Gomes**  
saragomesilva@gmail.com

Hoje é o Dia Nacional da Cachaça, o destilado mais apreciado no Brasil e o terceiro mais consumido no mundo. Existem 1.086 produtores de aguardente e cachaça no país registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). A Paraíba é destaque nacional pois é o Estado do Nordeste que mais produziu cachaça e aguardente em 2019, segundo o estudo "A Cachaça no Brasil - Dados de Registro de Cachaças e Aguardentes", divulgada este ano. O Estado possui mais de 100 engenhos produzindo cachaça que juntos somam 16 milhões de litros por ano. Além disso, a cachaça é tão importante para o Estado que é considerada Patrimônio Imaterial Cultural da Paraíba.

A Paraíba é um Estado peculiar porque produz cachaça do Litoral ao Sertão. O engenho São Paulo é o maior produtor de cachaça alambique do Brasil e a cachaça Volúpia é a mais premiada na Paraíba. Já a cachaça Matuta está entre os 100 maiores contribuintes de ICMS do Estado. Os principais municípios produtores de cachaça são: Areia; Alagoa Grande; Alagoa Nova; Bananeiras; Conde; Mamanguape; Píripituba; Duas Estradas; Guarabira; Sapé; Alhandra; Cruz do Espírito Santo; Souza e São José de Piranhas.

Segundo o anuário de Cachaça no Brasil, ocorreu um aumento de 9,73% da quantidade de marcas de produtos classificados como cachaça no país. O município de Areia destaca-se em ranking nacional por possuir 68 marcas e 40 registros de cachaça na Paraíba.

ba, perdendo apenas para os estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

A diretora executiva da Associação Paraibana dos Engenhos de Cachaça de Alambique (Aspeca), Marise Barreto, enfatiza a qualidade das cachaças da Paraíba, sendo o único Estado do Brasil que compete diretamente com Minas Gerais. "Minas tem o maior número de produtores de engenho produzindo cachaça, mas não tem a maior produção do país. Nós temos as cachaças mais premiadas por número do país. Todo e qualquer concurso (nacional e internacional) que a Paraíba participa, nossas cachaças são premiadas", enfatizou.

## História

A produção de cachaça tem uma idade semelhante a descoberta do Brasil porque a cana-de-açúcar veio nos navios. Existem várias histórias sobre a origem da cachaça no país, mas a principal delas é que os escravos levaram a cana-de-açúcar à noite para a senzala escondido. A cana-de-açúcar fermentou e começou a pingar. Os escravos acharam bom o sabor.

Há três anos, a Aspeca produziu a Carta das Cachaças da Paraíba, contando a história da cachaça do Brasil e da Paraíba. "Falar resumidamente da história da cachaça é muito difícil pois temos quase 500 anos de história. Ela começou a ser fabricada muito artesanalmente e, na época, servia de escambo, mas olha a proporção que alcançou hoje?", lembrou Múcio Fernandes, presidente da Aspeca.

O Instituto Brasileiro da Cachaça (IBC) vem trabalhando constantemente a valorização da cachaça. "Depois de muita divulgação conseguimos diminuir um pouco o pre-



Foto: Engenhos Volúpia

O Engenho Lagoa Verde, localizado no município de Alagoa Grande, onde é produzida a Cachaça Volúpia

/// A produção de cachaça é um segmento que emprega em todas as etapas de produção, da cana-de-açúcar à formação do turismo regional. ///

conceito existente, no entanto, o avanço ainda é pouco para o que a cachaça precisa alcançar", enfatizou.

## Volúpia

Localizada em Alagoa Grande, a cachaça Volúpia produzida pelo Engenho Lagoa Verde é considerada uma das cachaças mais premiadas do país. A cachaça Volúpia Diamante foi a única classificada no último ranking das 50 Melhores Cachaças do Brasil, entre 21 inscritas do Estado.

A Volúpia é a primeira cachaça fabricada com a garrafa de porcelana no Brasil. "Somos a única cachaça a apresentar um produto legítimo brasilei-

ro numa garrafa diferenciada - tanto na versão porcelana quanto a de vidro", afirmou Vicente Lemos, diretor executivo do Engenho Volúpia. Criada em 1946 por seu avô, o diretor Vicente Lemos destaca o trabalho desenvolvido ao longo desses anos no ramo da cachaça, com várias ações voltadas para a preservação do meio ambiente.

## Matuta

Localizada na região serrana do Brejo paraibano, na cidade de Areia, o Engenho Vaca Brava é um dos produtores centenários mais tradicionais do Estado, sendo o berço da Cachaçaria Matuta. Esta cachaça conta com três versões: tradicional, cristal e umburana - sendo pioneira e única cachaça de alambique envasada em lata no Brasil. A Matuta Cristal recebeu, em 2019, a medalha de prata na categoria Branca Pura na ExpoCachaça - mais importante vitrine mundial da cadeia produtiva e de valor da cachaça.

"Esta é uma cachaça produzida a partir da cana-de-

-açúcar crua especialmente selecionada. É uma bebida de qualidade e frutada, que proporciona uma sensação adocicada após o consumo. Pode ser degustada pura, mas faz uma combinação perfeita em drinks e caipirinhas", explica a sócia-diretora da Cachaça Matuta, Germana Leal Freire.

## Triunfo

Localizado em Areia, o Engenho Triunfo é reconhecido por seu potencial turístico. De acordo com o responsável técnico do Engenho Triunfo Thiago Baracho, a cachaça Triunfo se destaca por oferecer ao consumidor um produto de alta qualidade, seguindo as boas práticas de fabricação e respeitando o meio ambiente com o reaproveitamento dos resíduos gerados na produção.

"A Triunfo iniciou o roteiro de visitação dos engenhos aqui no município de Areia, avançando uma cadeia turística que hoje recebe cerca de 25 mil pessoas por mês para visitar a região e conhecer mais sobre a cultura e a produção da cachaça", afirmou.



Foto: Engenhos Matuta

Processo de produção da Cachaça Matuta, no Engenho Vaca Brava, no município de Areia, no Brejo, um dos produtores centenários do Estado

## UN Informe

Ricco Farias  
papiroeletronico@hotmail.com

### PRAGMÁTICO, PT MANTÉM ALIANÇA EM CG, MESMO COM A PRESENÇA DO MDB, QUE CONSIDERA "GOLPISTA"

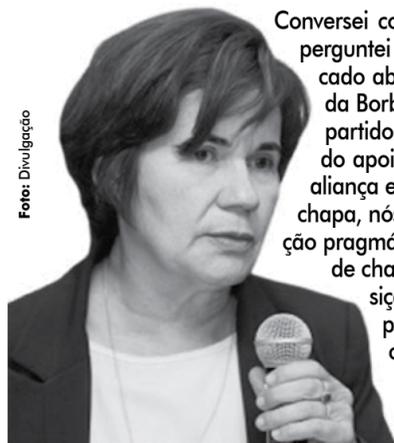


Foto: Divulgação

Conversei com a presidente do diretório do PT de João Pessoa, Giucélia Figueiredo (foto), e perguntei se a aliança com o PCdoB, tanto na capital quanto em Campina Grande, teria ficado abalada por conta do anúncio da coligação dos comunistas com o MDB, na 'Rainha da Borborema'. Lembrei a ela da resolução da Executiva Nacional do PT que proíbe que o partido participe de coligações em que estejam legendas consideradas 'inimigas', por conta do apoio ao impeachment de Dilma Housseff, em 2016, como é o caso do MDB. "Nossa aliança em Campina Grande é com o PCdoB e não com o MDB. Se o MDB fosse cabeça de chapa, nós jamais teríamos formado essa aliança", argumentou. Não deixa de ser uma posição pragmática essa dos petistas. Ora, independentemente de o MDB estar ou não na cabeça de chapa, ao aliar-se à chapa majoritária, o PT estaria abonando, aceitando uma composição com os emedebistas, que por muitas vezes foram acusados de "golpistas" pelos petistas, ainda ressabiados com os acontecimentos de 2016. O PT, que realizaria sua convenção neste domingo, decidiu transferir o evento para quarta-feira, dia 16. Percival Henriques é o nome indicado pelo PCdoB para formar chapa com Anísio Maia. "Foi um nome muito bem recebido por nós", disse.

#### PRECISOU DE MAIS TEMPO

Giucélia Figueiredo garantiu que a transferência da convenção do PT para quarta-feira não tem relação com a questão da indicação do pré-candidato a vice na chapa de Anísio Maia. De acordo com ela, o adiamento se deu porque o partido está dialogando com mais duas legendas e precisaria de mais tempo para concluir essas tratativas.

#### TRATATIVAS COM O PSB

Entre os partidos com os quais o PT mantém diálogo está o PSB do ex-governador Ricardo Coutinho, que não deverá lançar candidatura a prefeito na capital. A se concretizar uma aliança com os socialistas, dificilmente o PCdoB será mantido na chapa na condição de vice. No bastidor, fala-se que o PSB indicaria Casandra Figueiredo.

#### "NÃO, NÃO SOU"

O senador Veneziano Vital do Rêgo (PSB) foi indagado, numa emissora de TV, se pretende disputar o governo do Estado em 2022. "Não, não sou candidato", respondeu, afirmando que apoiará a reeleição do governador João Azevêdo (Cidadania). Somente seria candidato na remota hipótese de o governador desistir dessa postulação.

#### "NÃO COBRAMOS APOIO"

No que diz respeito ao apoio do Cidadania à Ana Cláudia, em Campina Grande, Veneziano afirmou que nem ele nem a pré-candidatura exerceram pressão para que isso se concretizasse: "Em nenhum momento cobramos isso ao governador", disse, "tenho certeza de que pesou a relação pessoal dele com Ana, e também a experiência profissional que ela demonstrou".

#### CONGRESSO DE DIREITO ELEITORAL

Na próxima quinta-feira, o TRE-PB realiza o '1º Congresso Virtual de Direito Eleitoral da Paraíba: Eleições 2020', em parceria com a Escola Judiciária Eleitoral e o Ministério Público Federal. Com transmissão pelo canal do tribunal no YouTube, serão abordados temas como fake news, propaganda eleitoral, registro de candidaturas e lei da Ficha Limpa.

#### VEREADOR DO AVANTE PODE FICAR SEM LEGENDA POR INFIDELIDADE

E o vereador Renato Martins, do Avante, decidiu bater de frente com a direção do partido: não apoiará Cicero Lucena (PP), que firmou aliança com o Avante, mas Nilvan Ferreira (MDB). Felipe Leitão, presidente do Avante, já disse que não aceitará "desertores". Renato, assim, corre o risco de ficar sem legenda para disputar cadeira na Câmara Municipal.

Mônica Vilaça

Ativista social

# “O racismo no Brasil nunca foi velado”

Doutoranda em Sociologia pela UFPB, ela explica que a formação social brasileira procurou justificar a desigualdade aplicada à população negra



Foto: Arquivo Pessoal

Ana Flávia Nóbrega  
ana8flavianobrega@gmail.com

## A entrevistada

Ser negro no Brasil é ter as chances de transformar-se em mais uma vítima de homicídios. De acordo com o Atlas de Violência 2020, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), o risco de ser vítima de homicídio no país é de 74% maior para homens negros e 64% maior para mulheres negras. A justificativa para os números é uma herança de segregação colonial que continua crescendo. Mesmo vivendo na era da informação, casos de racismo são cotidianos, desde de pessoas que cruzam a rua para não andar na mesma calçada de uma pessoa negra, até o ato mais severo: a morte.

Mantido à margem da sociedade, ocupando as periferias, excluídos de direitos básicos e perseguidos, os negros, no entanto, seguindo o histórico de luta de seus antepassados, seguem a resistência e lutam cada dia pela vida e por direitos. A tarefa não é fácil porque o racismo impregna todos os âmbitos da vida em sociedade. Para combater o racismo é preciso entendê-lo em sua essência e impactos. E, para isso, o Jornal A União ouviu Mônica Vilaça, doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e integrante da Marcha da Negritude Unificada da Paraíba, do Movimento de Mulheres Negras da Paraíba, para falar sobre o assunto.

**Mônica, em tempos de avanço do conservadorismo, podemos observar o racismo cada vez mais nítido. Como você entende esse momento histórico?**

■ O racismo assume expressões diferentes em cada período histórico. A própria ideia de um racismo mais velado é algo que precisamos discutir mais. Na verdade, o racismo sempre foi escancarado, sempre esteve muito presente na vida do povo negro. Dentro desse período em que estamos vivendo, em que existe um acirramento de concepções sociais, um passo que está sendo dado local, nacional e internacionalmente, numa direção de uma organização social mais fascista, reivindica-se e utiliza-se com mais ênfase do racismo, machismo, misoginia. Então, falas e usos de posições conservadoras assumem uma ênfase maior em razão da dinâmica maior que estamos assumindo. Mas, o racismo sempre esteve presente nas nossas vidas, na organização da sociedade brasileira. O racismo estabelece, na experiência de vida do povo negro, um cotidiano de violência, de retirada do direito, de medo, de aprisionamento...

**O que é o racismo estrutural?**

■ O racismo, em si, é estrutural, estrutural não é um tipo específico de racismo. Toda experiência racista, é estrutural. A nossa organização

enquanto sociedade brasileira se organizou em torno uma concepção e definição de raça. Raça não porque somos diferentes, mas porque era necessário construir essa diferença para poder justificar a desumanização a qual negros e negras eram submetidos. Essas pessoas foram compreendidas como não-humanas, como coisas que podiam ser exploradas, mortas, violentadas e sem direitos da forma como foi e ainda acontece. E essa desumanização nunca foi superada. Tanto que é compreendido como natural que os negros estejam em uma condição de maior pobreza na sociedade, que esse povo tenha sido escravizado.

**Está em vigência o discurso de que as cotas não deveriam existir porque representa um “vitimismo” do povo negro. Qual é a sua opinião sobre?**

■ Cotas é uma política de reparação que busca tentar responder, e tentar porque não responde, a uma ausência de direitos e de condições de acesso do povo negro a universidades, postos específicos de trabalho, por exemplo. Os negros vieram para o Brasil em uma situação de escravidão e foram postos em uma condição de abolição que não deu acesso a nenhuma condição de construção de suas vidas. Angela Davis propõe entender que a gente, na verdade, não

teve uma abolição democrática porque a gente tem um espaço que se organizou e continua se organizando em torno de uma lógica desigual e racista. As cotas se tornam, na verdade, uma política que busca construir acesso entendendo que não é possível correr atrás porque se está muito atrás. E a gente, enquanto movimento, sempre coloca que não resolve. Mas é um passo no sentido de reconhecer as desigualdades que organizam a nossa sociedade.

**O que é preciso fazer para tentar construir um futuro melhor, nesse sentido?**

■ Não é simples pensar o processo de superação do racismo. Mas ele exige debate contínuo e permanente. Um debate que deve compreender que existem privilégios construídos em torno da questão racial. É muito importante que a gente compreenda a dinâmica do racismo, busque garantir e construir condições de superação e de problematização das questões raciais no Brasil. É muito importante que a gente tenha o debate dentro da educação básica e dos locais de formação porque essas raízes são muito profundas na construção e elaboração da experiência da negra e do negro. É o cabelo, roupa... Vivemos em uma luta constante para que a sociedade entenda o que é isso e de onde se origina essa desigualdade.

# TABAJARA CAST

UMA SELEÇÃO DAS MELHORES OPINIÕES E INFORMAÇÕES

No Podcast da Tabajara você encontra:

- ▶ Rádio Tabajara (as matérias especiais)
- ▶ Colunas Rádio Tabajara
- ▶ Tabajara em Revista
- ▶ Crônicas da Cidade
- ▶ Jornal Estadual
- ▶ Fala Paraíba
- ▶ Tabajara Esportes



Disponível nas mais diversas plataformas:

- ▶ Spotify
- ▶ Deezer
- ▶ Castbox
- ▶ Apple Podcasts
- ▶ Google Podcasts
- ▶ Tuneln
- ▶ Stitcher
- ▶ RadioPublic



Foto: Acervo Regina Amorim



# É preciso falar sobre suicídio

## Setembro Amarelo chama atenção para uma questão de saúde pública, mas ainda pouco discutida na sociedade

**Alexandra Tavares**

lekajp@hotmail.com

No ano em que se vivencia uma pandemia como a de 2020, a impossibilidade de estar perto de quem se deseja e agir dentro de uma rotina costumeira, pode trazer mais angústia, ansiedade e melancolia. Por isso, neste Setembro Amarelo – mês dedicado à prevenção do suicídio – é preciso mais atenção às mudanças de comportamento das pessoas queridas.

O psicólogo técnico Lucílvia Silva, da Coordenação Estadual de Saúde Mental da Paraíba, enfoca que o lema estadual da campanha este

ano é “Todo cuidado em saúde mental é coletivo”.

Isso traz para cada indivíduo a responsabilidade de ter mais atenção com quem está ao lado e, ao perceber sintomas de doenças psicológicas e psiquiátricas, se dispôr a ajudar.

“Precisamos resgatar o que há de mais humano em nós, o cuidado. Se uma pessoa na família está sofrendo, toda a família sofre. Se na sociedade um ser humano está sofrendo de saúde mental, toda sociedade sente o impacto. Temos de produzir saúde mental em que todos consigam se beneficiar desse bem-estar”, frisou.

O psicólogo declara que, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) diz que o conceito de saúde é o bem-estar “bio, psíquico e social”, pode-se trazer esse conceito para a saúde mental.

“Precisamos estar bem em relação às coisas e às pessoas. O bem não significa dizer que estaremos sempre 100%. É possível, sim, vivermos diante de algumas frustrações. Precisamos entender isso e, toda vez que for necessário, pedir ajuda. Porque isso não significa fraqueza, mas a oportunidade de se formar uma sociedade mais saudável”, afirmou.

A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) alerta que a prevenção não tem sido tratada de forma adequada devido à falta de consciência do suicídio como um grave problema de saúde pública. O estigma, particularmente em torno de transtornos mentais e suicídio, faz com que muitas pessoas que estão pensando em tirar suas próprias vidas ou que já tentaram suicídio não procurem ajuda e, por isso, não recebam o auxílio que necessitam. Sensibilizar a comunidade e quebrar o tabu são ações importantes aos países para alcançar progressos na prevenção do suicídio.



Foto: Arquivo Pessoal

Lucílvia Silva: “Precisamos resgatar o que há de mais humano: o cuidado”

## + Alteração comportamental é sinal de alerta e ajuda se faz necessária

A linha entre melancolia (sentimento comum a todo ser humano) e a depressão (doença), segundo especialistas, é muito tênue. Então, muitas vezes fica difícil saber quando procurar ajuda. O psiquiatra Gilberto Diniz de Oliveira Sobrinho explica que ao se perceber que um determinado estado de sofrimento esteja se prolongando e impac-

tando na rotina normal de uma pessoa, tem de ser ligado o sinal de alerta. Algumas mudanças comportamentais são insônia, ansiedade e isolamento.

“Se esse sofrimento está atrapalhando a convivência familiar, o trabalho ou os estudos, precisa ser bem avaliado, para que se possa ter a certeza do que realmente está ocorrendo com

a pessoa, se é uma doença que pode levar ao suicídio. Pode não ser, necessariamente uma doença, mas já é um sinal de alerta”.

Os dois principais fatores de risco para o suicídio, segundo ele, é a presença de doença mental e a tentativa prévia, ou seja, pessoas que já tentaram antes têm maior risco de tentar tirar a vida novamente. O psi-

quiatria conta que outro fator de risco são os registros de tentativas ou ocorrências na família, ou seja, a carga genética do transtorno mental é grande.

E ao se perceber que algo está errado com o indivíduo, quem está em volta pode ajudar, se mostrando disponível a ouvir. Uma das formas de auxílio é perguntando se está

tudo bem. “E se não estiver tudo bem, pedir para que a pessoa procure avaliação psicológica ou psiquiatra”, frisou Gilberto Diniz. Ele explica que nem sempre é fácil dar o primeiro e tão importante passo, porque há um desestímulo da vontade, da iniciativa. “Depois do diálogo aberto, a maioria das pessoas acaba aceitando a ajuda”.

## Processo do luto deve ser vivenciado, apesar dos tabus que cercam o tema

Foto: Pixabay



Família do suicida precisa ser amparada e receber acompanhamento profissional adequado

O psicólogo Lucílvia Silva afirma que, muitas vezes, as famílias criam um tabu de que não devem falar do acontecimento, tentando bloqueá-lo e, com isso, não se passa corretamente a fase de luto, que é tão relevante para a retomada da vida. “A natureza humana tem seus meios de lidar com tudo o que é intenso para a gente. A família precisa ser amparada e receber ajuda profissional para lidar com a situação porque, caso contrário, pode adoecer”.

Neste mês em que se realiza a campanha Setembro Amarelo, o mecânico MMP completaria 45 anos

de idade. Mas sua trajetória de vida foi interrompida em 2011 quando ele não suportou a perda de sua única filha, de seis anos de idade, num acidente doméstico. Transtornado, ele se recusou a dialogar com a família e não aceitou a ajuda profissional oferecida.

A perda é sentida até hoje pela família. “Todo os anos minha avó lembra da data do aniversário dele e fica triste. Na época, ficamos muito abalados, alguns deprimidos, porque é uma dor grande. Éramos muito próximos e, até hoje, muitas vezes, penso em ligar para ele no dia do seu aniversário. Então, me lem-

bro do que ocorreu”, confessou Suzy Elady da Silva, prima do mecânico.

Ela conta que foi preciso ter muita fé em Deus e ocupar a mente com outras atividades para tentar superar o suicídio do primo. Com esforço, a família vivenciou o luto e conseguiu, com o tempo, seguir a vida normal.

O psicólogo ressalta a importância de vivenciar o luto. “Quem perde, tem o direito de sofrer e de ser amparado nesse sofrimento, daí a importância do luto assistido”.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, 90% dos casos de suicídio no mundo poderiam ter evitados se a pessoa tivesse algum tipo de auxílio

#### OUTROS SERVIÇOS

- Corpo de Bombeiros - Disque 193 (para emergências/tentativas de suicídio)
- Ambulatório de Saúde Mental Gutemberg Botelho - Rua: Dom Pedro II, 1826 - Torre/ João Pessoa | Contato: (83) 99108-2895
- Caps Regional AD III Jovem Cidadão - Rua: Safrá Said Abel da Cunha, 326 - Tambauzinho/ João Pessoa | Contato: (83) 3218-5902
- Espaço de Atenção à Crise/ Serviço de urgência e emergência
- Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira | Endereço: Rua: Dom Pedro II, 1826 - Torre/ João Pessoa | Contato: (83)3211-9820
- Complexo Hospital Municipal Tarcísio Burity - Ortopedia: R.: Agente Fiscal Jose Costa Duarte, s/n - fone: 3214-3291 (atende demanda de urgência e emergência - 24 horas).
- Pronto de Atendimento de Saúde Mental - Pasm - R. Agente Fiscal Jose Costa Duarte, s/n - fone; 3214-3291 (atende demanda de urgência e emergência - 24 horas).

# Ajuda é fundamental para conter tendências suicidas

Desabafo sobre sentimentos e acompanhamento profissional podem ser decisivos para a mudança de rumos

**Alexsandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com



Foto: Arquivo Pessoal

Para o psiquiatra Gilberto Diniz, sempre há uma luz no fim do túnel

o sofrimento humano, em todas as suas formas, (desigualdades sociais, condições econômicas precárias, injustiças, preconceitos, discriminação, falta de oportunidade), cria-se um ambiente propício às pessoas desistirem de continuar a vida. "O suicídio é o ato final, mas para tratar do suicídio é preciso cuidar da vida humana", disse.

Cada caso, porém, deve ser analisado individualmente e com muita atenção porque, nem todo mundo que está triste e abatido está com depressão, e nem todo mundo que está com depressão vai tirar a própria vida.

O Setembro Amarelo é uma boa oportunidade para se discutir sobre a saúde mental e suicídio. Mas são temas que deveriam estar na pauta de toda a sociedade continuamente.

"No Setembro Amarelo se coloca a lupa em alguns assuntos que precisam ser falados. A gente vive numa sociedade que ainda tem dificuldade de falar sobre a morte ou o suicídio. Não devemos transformar isso num fantasma ou tabu", declarou Lucilvio.

**O Setembro Amarelo é um bom momento para se discutir a saúde mental e suicídio, mas temas deveriam sempre estar em pauta**

Organização Mundial de Saúde (OMS) alerta que 90% dos casos de suicídio podem ser evitados. Durante a campanha Setembro Amarelo, de prevenção a este ato extremo, especialistas alertam que é preciso expor o assunto e quebrar tabus. O suicídio está associado às doenças mentais, sendo a mais comum a depressão, responsável por 30% dos casos relatados no mundo de acordo com a Organização. Mesmo tendo a data emblemática do 10 de Setembro, o assunto precisa ser tratado todo os meses.

O diálogo franco com o amigo ou parente, o desabafo sobre os sentimentos de tristeza, o acompanhamento de um profissional em saúde podem ser decisivos para a mudança de rumos.

"É preciso que eles saibam que não estão sozinhos. Sempre há uma luz no fim do túnel. Desesperança em psiquiatria é sintoma, e melhora com o tratamento", afirmou o psiquiatra Gilberto Diniz de Oliveira Sobrinho.

Pessoas que passaram por situações impactantes que a deixaram muito tristes, paralisadas, sem forças para seguirem com a rotina, devem falar sobre seus sentimentos e procurar ajuda médica.

"É importante reafirmar que essas pessoas não estão sozinhas. Procurem ajuda em saúde. Na rede pública e privada há profissionais sensíveis e preparados para receber esses pacientes. Há solução para o que essa pessoa está sentindo", destacou o psiquiatra.

Diniz enfocou que o suicídio é o desdobramento mais grave de qualquer doença psiquiátrica e, na depressão, pensar em suicídio, é um dos critérios de diagnóstico.

O psicólogo técnico Lucilvio Silva, da Coordenação Estadual de Saúde Mental da Paraíba, afirmou que a sociedade cria tabus, trata o suicídio como uma coisa à parte da sociedade, quando na verdade não é.

De acordo com o psicólogo, se não há um cuidado com

## + Na PB, serviços oferecem suporte psicológico

### Coordenação de Saúde Mental do Estado

Na Paraíba, uma das formas de buscar apoio psicológico é através do atendimento online. O suporte psicológico vem sendo oferecido pela Secretaria de Estado da Saúde (SES), por meio da Coordenação de Saúde Mental e Cefor-PB, desde março. No início da pandemia, o atendimento foi ampliado em parceria com a Rede OrienteME, formada por psicólogos que atuam de forma on-line, no cuidado em Saúde Mental. O serviço, gratuito, é ofertado em duas modalidades: individual e em grupo. Em ambos os casos, o atendimento é agendado pelo fone/whatsapp: (83) 99146-2469.

### CVV - Serviço da escuta

Fundado em 1962, o Centro de Valorização da Vida é uma associação civil sem fins lucrativos, filantrópica, reconhecida como de utilidade pública federal, desde 1973. Por meio de um serviço voluntário e gratuito de apoio emocional, é um dos canais de prevenção ao suicídio.

"O trabalho do CVV é de escuta e acolhimento. Não somos treinados para abordagem do tipo 'conselho'. Temos por premissa a escuta com acolhimento incondicional, anônimo e confidencial", afirmou Fábio Franchin, vice-presidente do CVV. Além do 188, o atendimento à população pode ser feito via pelo chat ou e-mail que estão no site [www.cvv.org.br](http://www.cvv.org.br).

**Eu te acolho**  
"Eu te Acolho". Este é o nome da campanha que



Fotos: Pixabay

O 'Eu te acolho' é um dos projetos que também se estende a familiares com doenças psíquicas

o Grupo de Trabalho de Prevenção e Posvenção ao Suicídio coordenado pelo Ministério Público da Paraíba, integrado pelo Ministério Público Federal, está desenvolvendo neste Setembro Amarelo. A ideia é divulgar às pessoas em sofrimento psíquico e com pensamento suicida que existe uma rede de cuidados em saúde mental para apoiá-las e tratá-las.

"Neste mês de

setembro, estamos dizendo 'Eu te acolho' às pessoas que têm ideias suicidas, àquelas que já tentaram tirar a própria vida, e aos seus familiares, destacou a promotora de Justiça do MPPB, JovanaTabosa.

Mais informações no site [www.mppb.mp.br](http://www.mppb.mp.br).

Uma conversa, um gesto acolhedor, um olhar atento podem significar muito para quem está em sofrimento extremo



# Professores falam sobre a adaptação ao ensino remoto

Da sala de aula para as plataformas digitais, profissionais enfrentaram desafios para levar educação aos estudantes

**Beatriz de Alcântara**  
Especial para A União

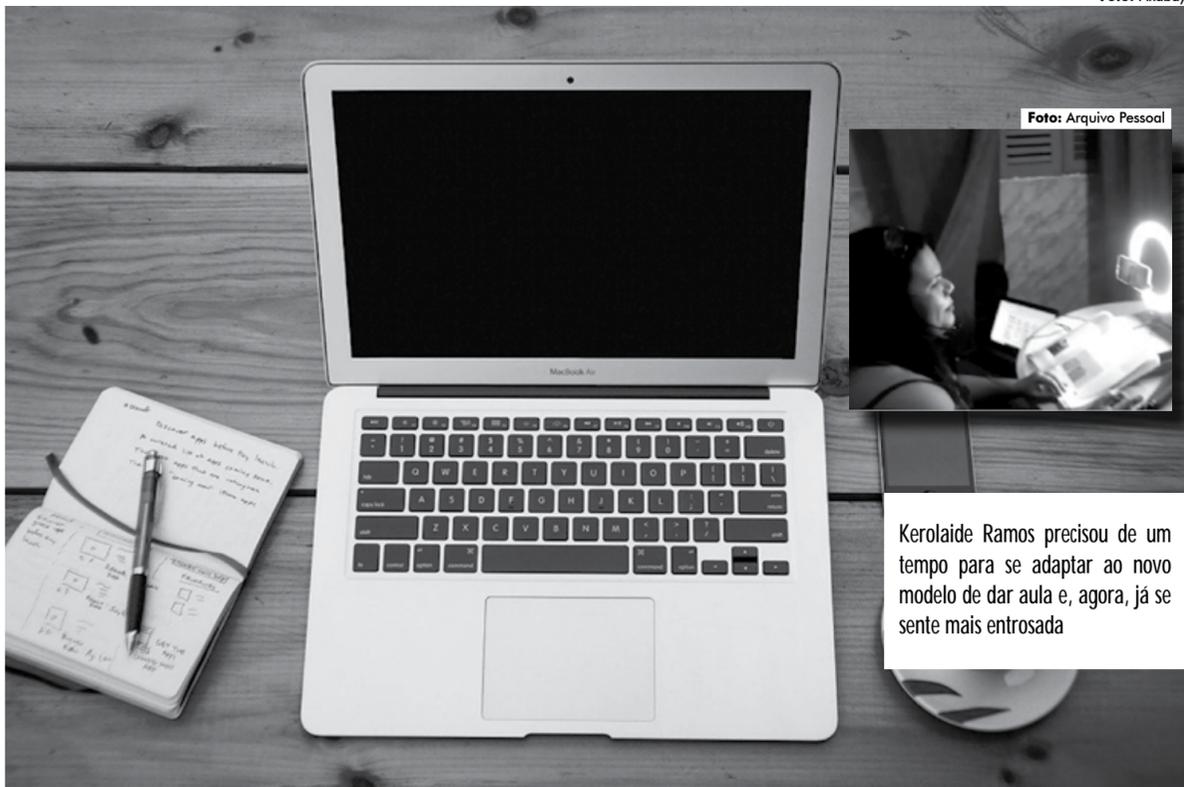
Que a pandemia modificou rotinas pessoais e profissionais, não é segredo para ninguém. Entretanto, no meio de tantas adaptações, profissões tradicionais também precisaram se reinventar. Se foi difícil para os pais estarem em casa durante 24 horas com os filhos, tendo que se adaptar ao ensino a distância, para os professores também foi complicado sair da sala de aula para a sala de casa. Além de ter que gravar vídeos, editar, publicar, planejar aulas, executá-las e ainda se disponibilizar para atender os estudantes e tirar as dúvidas, tanto deles, quanto dos pais.

“No início foi complicado, pois ninguém estava pronto para esse modelo de ensino, mas aos poucos fui pegando a prática e fui adaptando minha rotina ao novo modelo de ensino. As principais dificuldades que sinto até hoje é em poder adaptar a vivência da minha casa com o meu trabalho. Às

vezes a internet ou o computador param de funcionar e isso gera uma dor de cabeça grande, principalmente se for em dia que eu estiver de plantão ou dando aula”, desabafa a professora de Geografia, Kerolaide Ramos.

A jovem de 25 anos atua em sala de aula há 7 anos, mas somente há 1 ano e meio que leciona Geografia. Atualmente, ela trabalha tanto na rede pública, quanto na rede privada de ensino, nos municípios de João Pessoa e Bayeux. A professora ensina para turmas de fundamental, com alunos entre 11 e 14 anos, mas também trabalha com o ensino para jovens e adultos.

Para Kerol, como é conhecida, o maior desafio tem sido planejar aulas que sejam atrativas para os alunos e que eles consigam assimilar bem o conteúdo dado. “No presencial é mais fácil, pois estamos juntos acompanhando o processo de aprendizagem, a realização das atividades, mas no formato remoto é mais difícil”, disse ela.



Kerolaide Ramos precisou de um tempo para se adaptar ao novo modelo de dar aula e, agora, já se sente mais entrosada

E com relação ao ensino presencial, outras saudades também se apresentam. “Esses dias meus alunos de uma das escolas que trabalho fize-

ram uma surpresa aos professores abrindo as câmeras deles para a gente pudesse vê-los. Dos meus 7 anos em sala de aula, já recebi inúmeras

surpresas de alunos, mas nenhuma mexeu tanto comigo como essa. Eu chorei em torno de 15 minutos só em ver o rostinho de cada um. Foi

um momento muito especial e minha vontade era poder entrar pela tela do computador e abraçar cada um deles”, contou Kerol, emocionada.

## Maior preparo

### Novo formato exige criatividade e dinamismo para atender os alunos

Ana Carolina Moraes é professora de inglês e português de turmas do ensino médio há cerca de 10 anos. A adaptação ao uso das tecnologias foi relativamente tranquila. “Consigo fazer as aulas e postar no YouTube. Porém, ao observar o lado do aluno de uma realidade carente, percebo que a frequência é pouca, tendo em vista a falta de acesso à internet ou computadores, smartphones”, enfatizou.

A iniciativa que partiu da necessidade de continuar dando aula durante a pandemia deve continuar firme e presente na rotina

de Ana Carolina mesmo quando tudo isso passar. “Minhas habilidades tecnológicas melhoraram muito. Jamais pensaria em elaborar um canal no YouTube, fazer vídeos e postá-los. O canal permanecerá mesmo após a pandemia para que consiga continuar ajudando aos alunos”, comentou.

O professor de Ciências, Biologia e Química, Marcos Fábio, também identificou a dificuldade dos alunos em dar um retorno com relação às atividades e se mantiverem presentes no ensino remoto. Aos 54 anos, lecionando para o Ensino de

Jovens e Adultos e Ensino Médio há 23 deles, ele conta que o uso das tecnologias foi um processo de adaptação leve, mas “a dificuldade foi gravar e postar aulas e o retorno dessas atividades pelos alunos, devido à falta de acesso à internet, computadores, e a celulares com recursos”.

Para chamar a atenção dos alunos e estimular o interesse nos estudos, que alguns estavam perdendo, Marcos se prontificou a aprender formas de edição de vídeos mais criativas e dinâmicas. “A maior dificuldade foi aprender a

fazer os vídeos com animações. Assisti a vários tutoriais ensinando como fazer e depois ia praticar. Ainda estou aprendendo”, disse ele. Ao postar o primeiro vídeo usando esse recurso, o professor conta que “foi gratificante vê-lo pronto e publicado no canal e tendo retorno dos alunos”.

A partir daí, a prática tem aperfeiçoado as habilidades, que “melhoraram muito. Preparo slides e vídeos que posto no canal do YouTube, que criei para facilitar o acesso dos mesmos pelos alunos”, contou Marcos.

Fotos: Arquivo Pessoal



A professora de inglês Ana Carolina vai continuar usando a internet



Já o professor Marcos Fabio aderiu a meios atrativos para suas aulas

## Dica: separar um local para trabalhar

A psicóloga Danielle Azevedo ressalta que a mudança de rotina foi muito impactante para os profissionais da educação. “O fato de você ir e vir para uma sala de aula, de preparar um plano de aula, de ter o momento de interação com os alunos... Tudo isso é extremamente gratificante para eles, porque existe essa troca, e todos, obrigatoriamente, tiveram que se adaptar ao trabalho remoto e o ensino à distância”, afirmou.

E esse impacto pode se manifestar de diferentes formas em cada pessoa e profissional. Segundo Danielle, vai depender de cada caso.

Ela pontua que os professores - e não só eles - devem ter uma rotina estruturada, para adquirir qualidade de vida e, conseqüentemente, saúde mental. “Então, é preciso que ele durma bem, que se alimente bem, que faça exercícios físicos com frequência, que tenha tranquilidade emocional, equilíbrio emocional... A gente precisa trabalhar todas essas áreas da nossa vida para poder ter essa saúde mental que a gente deseja”, explicou Danielle Azevedo.

Com relação a isso, Kerol Ramos divide que, apesar de no começo ter sido complicado, atualmente já consegue planejar toda a semana e reservar períodos para fazer outras atividades, como praticar exercícios

físicos, fazer terapia, ler um livro, assistir alguma série, ter um momento com o namorado e com a família, conversar com os amigos, dentre outras coisas.

Como forma de autocuidado, Marcos Fábio também organiza sua rotina e reserva momentos no dia e na semana para relaxar com “leitura de livros, caminhadas e assistindo a filmes e jogos de futebol”, por exemplo. Além disso, especialmente diante do cenário de pandemia, o professor conta que evita assistir os noticiários o tempo todo, para evitar a sobrecarga de informações relativas à doença.

“Trabalhar a saúde mental não é somente no período da pandemia, são todos os dias. A gente precisa sim parar e ter o nosso momento, fazer algo para refletir sobre os nossos planos, os nossos objetivos e o que eu tenho feito para isso melhorar”, finalizou a psicóloga, Danielle Azevedo.

Como mudança foi impactante para profissionais da educação, psicóloga orienta boa alimentação, atividades físicas e boas horas de sono para viver esta nova rotina

# Santa Luzia e o turismo dinâmico da Paraíba

Criatividade e tradição se fundem nesta cidade onde a história pulsa atraindo turistas de vários lugares do país

Teresa Duarte  
teresaduarte2@hotmail.com

Uma nova forma de fazer turismo, envolvendo turistas, visitantes e moradores, na criação dos produtos turísticos. É assim que a Santura – Associação de Turismo de Cultura de Santa Luzia vem trabalhando no município e oferecendo junto à comunidade oficinas de cerâmica, de forró, camaleão, rancheira, de papietagem, para tocar triângulo ou zabumba, ou seja, são algumas das experiências turísticas diferenciadas que estão sendo



Com a Festa do São João certificada como patrimônio cultural e imaterial da Paraíba, a cidade mantém viva a tradição do artesanato das louceiras e a história das comunidades quilombolas

ofertadas aos turistas na cidade de Santa Luzia.

Os habitantes se chamam santa-luzienses e o município fica distante

aproximadamente 263km da capital João Pessoa. Santa Luzia tem a Festa do São João Tradição certificada como patrimônio cultural e

imaterial da Paraíba, Museu Comunitário, o belo artesanato das louceiras da Comunidade Quilombola Serra do Talhado, a tradicional Festa

do Rosário com destaque para o reisado e Banda Caçaçal, Festa de Santa Luzia que é a padroeira da cidade e o maior Complexo Eólico

da América Latina com capacidade de gerar energia suficiente para abastecer uma cidade com 300 mil habitantes.



## Um passeio entre o urbano e o rural

Conforme Regina Amorim, presidente da Santura, Santa Luzia foi considerada como um dos destinos paraibanos de turismo criativo, em 2020, por conta da nova forma de fazer turismo, envolvendo tanto os turistas, quanto a comunidade local, na criação dos produtos. “A nossa ideia é que os produtos ofertados no turismo sejam construídos pelas pessoas que vivem no município, já que o turismo criativo gera uma oferta turística diversificada, através de formas criativas de promover a cultura do lugar”.

A associação foi criada em junho de 2017 tendo como objetivo o desenvolvimento turístico, em harmonia com a natureza e a cultura local; o estímulo ao desenvolvimento endógeno sustentável; promoção e a divulgação dos produtos turísticos do território; viabilização de projetos e ações que visem o desenvolvimento do turismo na região e a captação de recursos para o setor turístico e cultural. As experiências

turísticas diferenciadas são oferecidas à população por meio de oficinas de cerâmica, dança (forró, camaleão, rancheira), de papietagem e de instrumentos musicais como o triângulo ou a zabumba.

A criação da Santura colocou a cidade paraibana em diversos cenários turísticos e culturais por meio de uma série de atividades, sempre reunindo as famílias e os amigos que, em conjunto, têm estreitado relacionamentos e criado ambientes colaborativos possibilitando abrir a visão para a economia criativa. É no município que o turista vai se deliciar com uma visita ao Café Cultura, apreciar a beleza do Relógio do Sol e o belo Monumento aos Ex-Pracinhas e Ex-Combatentes, bem como ao Monte São Sebastião, de onde se tem a vista de toda cidade e ao Pico do Yayu que pode fazer Rapel, em todos os níveis.

Santa Luzia tem arte urbana, que propicia um olhar sobre a cidade. O turista pode fazer oficina de arte urbana com Evanilson Martins (Tuca) e deixar a sua marca artística na cidade. O Parque Haras Pedro Miguel

é destinado a um momento relaxante em um espaço de lazer entre a criação de cavalos quarto de milha, Casa do Eterno Amarelin com Gelo e a Casa do Garanhão Valente Eteel. Foi no lugar chamado Talhado, que o cineasta Linduarte Noronha escolheu no município, para produzir o filme Aruanda. O município tem mais de 20 sanfoneiros, que compõem os trios de forró pé de serra e muitos seresteiros.

Desde a sua fundação a Santura vem realizando diversos eventos, sempre colocando o turismo em destaque, buscando o resgate a cultura popular, a exemplo do Festival Gastronômico Junino e do Encontro de Cocos de Roda que são realizados durante a programação do São João Tradição de Santa Luzia. Em 2017, a associação assinou termo de adesão ao Programa de Regionalização do Turismo, como representante máximo do Fórum Turístico Vale dos Sertões. Filhos ilustres da terra fazem o diferencial na arte, um desses é o artesão Luiz, que tem uma produção de pássaros em madeira.



O artesanato, a música e sua gente dão ao município um aspecto único e um olhar especial para um desenvolvimento que, antes de tudo, valoriza e respeita as manifestações culturais locais





# APL realiza eleição e poderá ter a primeira mulher na presidência

## Na votação que ocorre amanhã, Ângela Bezerra de Castro disputa o cargo em chapa única

**Guilherme Cabral**  
guipb\_jornalista@hotmail.com

Pela primeira vez em toda a sua história de quase 80 anos, a Academia Paraibana de Letras (APL) pode ser dirigida por uma mulher. Quem disputa o cargo, em chapa única, é a escritora, professora e crítica literária Ângela Bezerra de Castro, que tem como vice-presidente Severino Ramalho Leite.

Respeitando as medidas de segurança por causa da pandemia, o pleito será realizado amanhã, de forma presencial, das 8h às 12h, na sede da entidade, no Centro de João Pessoa. O resultado será divulgado assim que for concluída a apuração dos votos. A nova diretoria cumprirá sua gestão no período 2020-2022.

“Foi um aspecto que me deu forças para enfrentar a candidatura, para marcar mais um passo na conquista da representatividade da mulher nas instituições, o que é raro”, justifica a candidata. “A APL fará 80 anos em setembro de 2021 e será a primeira vez que a entidade terá, como presidente, uma figura feminina”.

Ângela Bezerra de Castro frisa que, depois de sua fundação, a Academia passou 40 anos para ter uma mulher em seus quadros, que foi Elizabeth Marinheiro, eleita no início da década de 1980. “Ela foi pioneira e está me apoiando com grande entusiasmo. A Academia Brasileira de Letras (ABL) passou 100 anos para ter uma mulher como presidente, Nélida Piñon”, disse.

A candidata confessou como vem encarando com sensação de vitória em relação à disputa pela presidência da APL. “É o coroamento da trajetória que sempre foi de independência, vanguarda e de trabalho. Simbolicamente, ocupar o cargo será uma honra, e sem pedir, pois estou concorrendo por influência e solicitação dos meus pares. Estou fazendo história”.

Ângela Bezerra de Castro nasceu na cidade de Bananeiras, em 1942, e veio morar em João Pessoa em 1956 para estudar o Ginásio e o Clássico no Liceu Paraibano. Na Capital, onde posteriormente ensinaria em colégios particulares e públicos, fez faculdades de Direito e Letras na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mestrado em Licenciatura na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) e doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

É por essa trajetória no magistério que Ângela prefere

“// Simbolicamente, ocupar o cargo será uma honra, e sem pedir, pois estou concorrendo por influência e solicitação dos meus pares. Estou fazendo história //”

ser tratada como professora, por ser uma função que lhe honra. Como crítica literária, lançou vários livros, a exemplo de *Releitura de A Bagaceira*, que lhe rendeu o Prêmio José Américo de Almeida, em 1987. “Nesse trabalho faço a crítica da crítica dessa obra e proponho uma nova leitura, comprovando que *A Bagaceira* não é um romance da seca, mas sim um romance de contestação da visão estereotipada do Nordeste. É uma denúncia de que a seca verdadeira é o regime feudal. Esse é que é o grande grito de alerta”.

Ela também publicou, em coautoria com o professor da UFRJ, Eduardo Coutinho, *A Fortuna Crítica de José Lins do Rego*, além de *Um certo modo de ler*, livro de crítica mais dedicado ao autor paraibano.

A candidata também antecipou algumas das metas que pretende para a APL. “O professor Damião Ramos teve oito anos e fez um trabalho de restauração, melhoria física e que a entidade precisava muito, pois mobiliou, arrumou o pátio atrás, ajardinou e colocou a estátua de Augusto dos Anjos”, relembrou. “Vamos centralizar as atividades nas coisas do espírito. Pretendo reeditar e dar periodicidade à revista da APL, que está há mais de cinco anos sem circular e que é um documento fundamental que registra todas as atividades intelectuais. Vou conclamar todos os acadêmicos a participar e acho esse o ponto fundamental. Vamos realizar sessões solenes para lembrar o centenário de todos os acadêmicos, lembrando suas vidas e obras”.

A escritora ainda mencionou alguns outros projetos para implementar na entidade. “Vamos estabelecer um vínculo entre a Academia e as escolas públicas estaduais e municipais que desejarem isso voluntariamente, no sentido de cooperação, mas especificamente para aumentar o nível de leitura. Também vamos reativar atividades como seminários e conferências para o público, com o objetivo de estreitar mais o vínculo da academia com a sociedade”.

A candidata já ocupou a vice-presidência da APL em três mandatos, duas na gestão de Joacil de Brito Pereira e outra na primeira administração de Damião Ramos.

### Balço

Eleito em 2012 e reconduzido ao cargo por mais três vezes, o presidente da APL, Damião Ramos Cavalcanti, fez um balanço de sua gestão. “Considero que cumpro com o meu dever. Realizamos várias ações, como a recuperação total do prédio, a organização interna e externa de suas dependências, Seminários de Estudos Literários e a criação do Cineclub Verbo & Imagem, com exibição de filmes toda última quinta-feira de cada mês”, elencou. “A APL ganhou notoriedade e visibilidade e hoje causa fascínio para quem deseja ingressar como acadêmico”.



APL fará 80 anos em 2021, e será a primeira vez que a entidade será conduzida por uma figura feminina; Ângela Bezerra de Castro (foto) está sendo apoiada por nomes como Elizabeth Marinheiro, primeira mulher a ingressar na Academia

Foto: Divulgação

## Quem ocupará a cadeira deixada por Wills Leal?

Além da eleição da diretoria da APL, amanhã também será o último dia para quem desejar disputar a Cadeira 32, que ficou vaga com a morte do acadêmico Wills Leal (1936-2020).

Marcus Alves, Francelino Soares, Eitel Santiago e Gilvan de Brito são os nomes já inscritos até o fechamento desta edição. O presidente Damião Ramos Cavalcanti informou que a data do pleito ainda vai ser definida, mas estará a cargo do próximo Conselho Diretor.

“Meu desejo é contribuir, junto à APL, para o debate de ideias e projetos culturais e literários na Paraíba. Sempre fui ligado a uma tradição do intelectual público, que dialoga com a sociedade”, disse o jornalista e sociólogo Marcus Alves, que publicou obras como *O Eterno*

e *Provisório* (poesia) e a novela *K encontra Paludes*.

O professor Francelino Soares comentou que chegou sua hora de disputar a vaga. “Sempre admirei Wills Leal desde que o conheci numa livraria em João Pessoa, no final dos anos 1950. Ele é um artista multifacetado e desejo levantar um esboço de sua vida e obra, caso eleito, o que dará trabalho, pois desenvolveu várias atividades culturais”, disse ele, que foi professor fundador do Unipê, do IESP e ensinou língua e literatura latina, linguística geral e língua portuguesa na UFPB, de onde se aposentou, em 1991.

Já o advogado e escritor Eitel Santiago também explicou a razão de disputar a Cadeira 32. “Primeiro, sou mestre em Direito Constitucional

e publiquei vários livros. A minha vontade é de ir para a Academia, pois gosto de conviver com os amigos acadêmicos. Sou filho do ex-presidente da APL, Joacil de Brito Pereira (1923-2012), que sempre nos estimulou a ler, escrever e a valorizar as coisas da cultura”, afirmou ele.

O quarto candidato é o escritor, jornalista e produtor cultural Gilvan de Brito. “busco esse título exclusivamente como homenagem a minha luta pela sobrevivência, na difícil infância e da incansável labuta diária, na idade adulta, em favor da cultura da nossa terra (a qual tenho serviços prestados em vários campos de atividades), sem medir esforços, nesses 80 anos de vida”, contou o autor de obras como *Não Me Chamem Vandrê* e *A ditadura na Paraíba*.

Fotos: Divulgação



Da esq. para dir.: até o presente momento, os candidatos para a cadeira são Eitel Santiago, Marcus Alves, Gilvan de Brito e Francelino Soares

# Nelson Cavaquinho e o Rei Salomão

O livro de Eclesiastes é um dos meus preferidos da Bíblia. A autoria do texto é tradicionalmente atribuída a Salomão, o sábio, filho do Rei Davi com Betsabá. A relação amorosa de seus pais tem a cara de enredo *hitchcockiano*, sendo marcada pelo adultério e por um plano macabro de assassinato do marido de Betsabá, o soldado Urias.

Como conta o livro bíblico de Samuel, Davi ordenou que o comandante de seu exército abandonasse Urias à própria sorte na frente de batalha para que ele fosse morto pelo exército inimigo, impedindo assim que descobrisse que a sua esposa tinha engravidado de outro homem. O bebê morreria com sete dias de vida, cumprindo assim uma profecia anunciada por Natã. Salomão é o segundo filho do casal Davi e Betsabá. Ele se tornaria um dos grandes reis dos judeus, sempre lembrado por sua sabedoria, riquezas materiais e por ter possuído centenas de esposas e concubinas.

Não se tem certeza de que Salomão escreveu o livro de Eclesiastes; o mais provável historiograficamente é que não tenha escrito. De toda forma, o fato de terem lhe atribuído a autoria ensejou condições propícias para que a obra fosse incluída no cânone bíblico. O que o Eclesiastes traz de mais interessante é a sua visão filosófica. Em muitos momentos, o autor do livro parece um ateu niilista, desiludido diante das agruras do mundo. A vida como descrita no livro parece não ter sentido nenhum, sendo em grande medida insípida e vã. Tudo é vaidade para o Eclesiastes: as riquezas, a sabedoria, o entusiasmo com a juventude; nada é permanente e segue o fluxo inevitável da morte.

A sua visão sobre a morte é bastante materialista. Não fala em alma, em céu ou paraíso, redenção, outra vida, ou algo parecido. A morte igualaria todas as pessoas, sejam elas quem forem: ricas, poderosas, fracas, virtuosas ou pecadoras. A impressão é que a morte levaria ao nada, quando ele diz: "(...) Os mortos nada sabem; para eles não haverá mais recompensa, e já não se tem lembrança deles". (Eclesiastes 9:5).

O autor do Eclesiastes é um hedonista: "Desfrute a vida com a mulher a quem você ama, todos os dias desta vida sem sentido que Deus dá a você debaixo do sol; todos os seus dias sem sentido! Pois essa é a sua recompensa na vida pelo seu árduo trabalho debaixo do sol." (Eclesiastes 9:9). E ainda assevera: "O que as suas mãos tiverem que fazer, que o façam com toda a sua força, pois na sepultura, para onde você vai, não há atividade nem pla-

nejamento, não há conhecimento nem sabedoria." (Eclesiastes 9:10). Como o poeta árabe Omar Khayyam, "Salomão" exalta o vinho e os prazeres: "Portanto, vá, coma com prazer a sua comida, e beba o seu vinho de coração alegre, pois Deus já se agradou do que você faz." (Eclesiastes 9:7).

Tenho sempre a sensação quando ouço os sambas de Nelson Cavaquinho que ele tem um quê dessa visão de mundo. Em especial o seu aspecto desolador, mas que ainda vê alguma saída por meio da fé em Deus. A vida é, em si, para o artista, miserável. O amor, uma certeza de sofrimento. Isso me faz lembrar de Schopenhauer: "porque é absurdo admitir que a dor sem fim, que nasce da miséria inerente à vida e enche o mundo, seja apenas um puro acidente, e não o próprio fim. Cada desgraça particular parece, é certo, uma exceção, mas a desgraça geral é a regra."

Vejam, por exemplo, esses versos da canção 'Eu e as Flores': "Quando eu passo / Perto das flores / Quase elas dizem assim / Vai que amanhã enfeitaremos o seu fim / A nossa vida é tão curta / Estamos nesse mundo de passagem / Ó meu grande Deus, nosso criador / A minha vida pertence ao Senhor".

Na música 'Juízo Final', por sua vez, ele assume uma visão apocalíptica e utópica como forma de compensação aos mártires da existência num "futuro transcendental": "É o juízo final / A história do bem e do mal / Quero ter olhos pra ver / A maldade desaparecer / O sol há de brilhar mais uma vez / A luz há de chegar aos corações / O mal será queimada a semente / O amor será eterno novamente.

Nelson Cavaquinho se incomoda com a ideia de homenagem póstuma. Os vivos sempre esquecem dos mortos, dizia, por isso cantava esses versos: Se alguém quiser fazer por mim / Que faça agora / Me dê as flores em vida / O carinho, a mão amiga / Para aliviar meus ais / Depois que eu me chamar saudade / Não preciso de vaidade / Quero preces e nada mais.

Poucos tiveram a fortuna de cantar de forma tão magnífica e bela a angústia, o sofrimento e o desalento com a vida como Nelson Cavaquinho. O seu cancionário permanece vivo e atemporal como as dores invocadas pelos versos da canção 'Minha Fama': "Quando eu morrer / Deixarei minha fama / Deixarei no mundo quem me ama / As lágrimas que rolam em meu rosto / Não sabem dizer qual é o meu desgosto / O meu coração é uma casa de sofrimentos / Nele que guardo todos os meus sentimentos / Às vezes choro pra me desabafar / Mas não digo a ninguém a causa do meu pesar".

## A doença do ódio

O ódio é um julgamento patológico de que o outro é uma ameaça e deve ser desumanizado para ser eliminado. Todo indivíduo que odeia apresenta no histórico de vida uma grande quantidade de frustrações, geralmente esse indivíduo tem insuficiência cognitiva e apresenta transtorno de personalidade obsessivo-compulsiva e para sublimar as próprias angústias sente o prazer – inconsciente – de transferir o ódio para o mesmo indivíduo ou grupo de forma contínua, e a manifestação de ódio se caracteriza através da violência das palavras e ações. O surgimento do ódio também está enraizado nas situações econômicas e sociais e pode ser transmitido através da cultura, de forma a alimentar grupos e líderes políticos para fortalecer a própria força coercitiva de destruição para excluir direitos sociais, a fim de obter o controle absoluto do poder. O terror inicia quando os seguidores desses líderes se identificam com essa ideologia patológica e alguns desses seguidores (que odeiam) são extremamente religiosos. Nesse contexto, a loucura surge quando o ódio social não é controlado e nem o violento desequilíbrio econômico do Estado, de forma a instalar o caos e conduzir todos para uma crise financeira.

O sentimento de ódio coincide com a ativação do cérebro e sua estrutura, de acordo com o córtex frontal medial; outra região é o córtex pré-frontal, que está relacionada ao planejamento de comportamentos e pensamentos complexos, a expressão da personalidade, as tomadas de decisões e adequação de comportamento social. O córtex pré-frontal também se relaciona a habilidade para diferenciar pensamentos conflitantes, essencialmente tem implicação no comportamento social. Os danos nas funções relacionadas ao córtex pré-frontal conduzem a uma maior agressividade e inadequação



Foto: Divulgação

Dramaturgo e poeta alemão Bertold Brecht

social. O núcleo putâmen, o córtex pré-motor e o córtex estimulam a habilidade de argumentar e aprendizagem. Surpreendentemente, o putâmen e o córtex insular são organizações do cérebro que participam da percepção do sentimento de desprezo e do nojo. Essas organizações também estão envolvidas com a origem e estrutura fisiológica do ódio. O ódio não desaparece quando o Estado e a sociedade alimentam a violência e o indivíduo sempre vê o outro como uma ameaça no espaço social.

O processo que muda o sentimento de ódio necessita ser estudado na fisiologia. Nos dias atuais, diante da violência, reconstruir alguns afetos é a certeza de eliminar o ódio. Deve-se priorizar os relacionamentos a fim de estimular o respeito ao outro e a reconciliação; faz-se necessário valorizar o contato entre as pessoas; deve-se compartilhar projetos e encontrar uma dignidade no passado comum e humanizar-se para entender as frustrações dos indivíduos adoecidos de ódio.

Concluo com fragmentos de um poema do dramaturgo, encenador e poeta alemão Bertold Brecht (1898-1956):

**Aos que vierem depois de nós**  
(Tradução de Manuel Bandeira)

*Realmente, vivemos muito sombrios!  
A inocência é loucura. Uma frente sem rugas  
denota insensibilidade. Aquele que ri  
ainda não recebeu a terrível notícia  
que está para chegar.*

*Que tempos são estes, em que  
é quase um delito  
falar de coisas inocentes.  
Pois implica silenciar tantos horrores!*

*[...] É certo: ganho o meu pão ainda,  
Mas acreditai-me: é pura casualidade.*

*[...] Mas como posso comer e beber,  
se ao faminto arrebatado o que como,  
se o copo de água falta ao sedento?*

*[...] Mas evitar a violência,  
retribuir o mal com o bem,  
não satisfazer os desejos, antes esquecê-los  
é o que chamam sabedoria.*

*[...] Misturei-me aos homens em tempos  
turbulentos  
e indignei-me com eles.*

*[...] O ódio contra a baixaza  
endurece a voz. Ah, os que quisemos  
preparar terreno para a bondade  
não pudemos ser bons.  
Vós, porém, quando chegar o momento  
em que o homem seja bom para o homem,  
lembrai-vos de nós  
com indulgência.*

Sinta-se convidado para a audição do 284 Domingo Sinfônico, deste dia 13, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar a vida e peças do compositor e violinista italiano Antonio Lucio Vivaldi Vivaldi (1678-1741), que apresentou uma unicidade entre Deus, natureza e homem.

## Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

### Um fotógrafo cego

Para Márcio Roberto

Já imaginou fechar os olhos para olhar? Minha mulher sempre diz que, se ficasse cega, ela saberia onde estão os objetos da casa. Saberá se movimentar entre os cômodos. Já eu ficaria às avessas. Cego de tanto ver o mar, eu só acreditaria se botasse os pés na areia. Não sei como eu vim de longe e não consigo mais viver sem o mar.

Existe um fotógrafo croata chamado Evgen Bavcar, que é cego. Ficou cego aos poucos, quando criança, mas conseguiu continuar fotografando, com a ajuda de uma irmã, que verbalizava as imagens para ele. Já imaginou, alguém verbalizar imagens? É demais...

Já procurei em todos os sebos antigos, cheio de livros amontoados, e nunca achei algo de Bavcar. Suas fotografias estão espalhadas na Internet.

Lembro de entrar num sebo no Rio de Janeiro e dá de cara com o dono evidentemente mais interessado em ler do que em vender os livros. Entrei e perguntei sobre a obra de Evgen Bavcar, que se quer olhou para mim. Eu não o achei mal-educado, apenas concentrado.

Li umas entrevistas e assisti alguns vídeos com Evgen Bavcar e seus disparos artísticos criando revoluções com as próprias imagens sobre sua infância e sua história onde a guerra sempre esteve presente e isso bateu em mim.

Evgen perdeu completamente a visão aos 12 anos de idade. Um menino. Um menino em um país arrasado por uma guerra e prestes a entrar em tantas outras. Esse menino seguiu em frente e se transformou no artista que ele é.

Perder a visão me parece um rompimento bastante traumático para qualquer pessoa, mas deu espaço a uma sensibilidade, para Evgen criar sua própria forma de olhar e se apropriar do mundo selvagem, em que o corpo e a imaginação são seus companheiros mais fiéis.

Tantas vezes o cão é nosso companheiro. Fico impressionando quando chego em casa e nosso cachorro só acredita que sou eu quando chega perto de mim. Mas não sou o homem que amava os cachorros. Jamais.

Evgen guardou com ele um espírito jovem. Ele nos guia ao dizer que "não podemos olhar através do outro". E isso é muito expressivo, muito triste. Como vamos conseguir olhar sem ver.

A fotografia já não leva mais o retrato da nossa alma, principalmente hoje que estamos cada vez mais expostos. Somos assaltados ou invadidos por câmeras invisíveis e depois nossa vida está exposta nas redes sociais.

Evgen Bavcar nunca viu um de seus trabalhos, conhece-os através de descrições. As imagens são delirantes, bicicletas com pequenos pássaros de papel, uma menina ao lado de um gato, um senhor e seu candelabro, seus autos retratos, ruas incendiárias, registros do medo, que ele não sente, mas fotografa.

O preto e branco quase colorido de suas fotografias, seu mundo criativo de sombras, luz e sobreposições inusitadas desafia em polêmica o conceito de fotografia: Diz ele, "não é exclusividade de quem pode enxergar. Nós também construímos imagens interiores".

Evgen Bavcar entende da composição da luz em lugares totalmente escuros. É como se a fotografia fosse a filosofia, o livro, e o filme "nas preferências por imagens e módoico desse tema em relação ao colorido". Isso dele dizer módoico, já uma arte, a arte de ser modesto de verdade. Em outubro, Evgen Bavcar fará 73 anos.

Um fotógrafo cego não é algo inusitado, mas eu não sei como é, só sei que o tempo transforma, além do inventivo, o sonho, a alma, a dor, o gozo e a poesia.

#### Kapetadas

1 - Não mais que repente todo mundo vem com esse negócio de karma. A gente tem uma vida toda pra colher o que planta. Não adianta prorrogar o boleto pra outra vida não.

2 - Não existe novo normal do que nunca foi normal.

3 - Som na caixa: "Com seus mesmos tristes, velhos fatos, que num álbum de retratos, eu teimo em colecionar", Tom Jobim.

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

# Ao acadêmico e pioneiro do cinema duplamente imortal

O 17 de setembro é uma data emocionante e representativa para mim. Antecipando-me a ela, próxima quinta-feira celebramos os 106 anos de nascimento de um dos pioneiros da cinematografia paraibana.

Patrono da Cadeira 5 da Academia Paraibana de Cinema (APC) – na qual hoje tenho assento, honrosamente, pelo meu pai –, Severino Alexandre dos Santos teve sua vida toda dedicada à Sétima Arte. Não terá sido sem razão que, já aos 13 anos de idade acionava a manivela de uma câmera projetora, em sessões habituais de um cinema que ainda não tinha aprendido a “falar”, mas ritmado por um garoto que já se mostrava como gente grande.

Natural da região do Brejo paraibano, originário da família Gonçalves de Alagoa Grande, na Paraíba, “Seu” Alexandre do Cinema (assim conhecido desde cedo na cidade de Santa Rita, onde se casou, construiu família e viveu sempre) acompanhou de perto a evolução da cinematografia, edificando suas próprias salas de projeção. Usando ainda do seu empirismo artesanal na construção das “lanternas mágicas” (movidas a carvão), que iluminaram as sessões de seus cinemas durante anos.

Por esse mérito, a Academia Paraibana de Cinema rendeu-lhe tributo, publicando pioneiramente um livro, ressaltando passagens de sua vida e de suas experiências como exibidor não apenas em Santa Rita, mas também no distrito de Várzea Nova, onde construiu salas de projeção.

As relações comerciais de meu pai – mediadas sempre por mim – com os



Foto: Acervo Pessoal

Severino Alexandre dos Santos, o “Seu” Alexandre do Cinema, foi um dos pioneiros da cinematografia paraibana

empresários Luciano Wanderlei da Cia. Exibidora de Filmes (Municipal), com os Senhores Lemos e Valdemar, ambos da Cia. Cinemas Reunidos S/A (Plaza), ainda com as distribuidoras de filmes do Recife-PE, entre os demais do setor, sempre foram das melhores. Deles, inclusive, recebíamos respeito e apoio à programação dos nossos cinemas, sem as restrições de mercado. Não terá sido em vão a trajetória de “Seu” Alexandre, na singular história da nossa Sétima Arte, na Paraíba.

Profissional respeitoso e venerado pelos inúmeros espectadores que lhe frequentaram as salas de projeção durante décadas. Inclusive daqueles que o assistiram, profissionalmente, em suas habituais projeções, como Rubens, Assis, Elias, Alonso, Agnaldo,

Cabo Zé, entre outros que ainda hoje sentem a sua partida.

Que os ecrãs dos nossos ruidosos projetores do passado, que tanto contribuíram com suas cadências (“muda” ou sonora) para as memórias e fantasias de muitos que ainda hoje desfrutam desse nosso “sonho iluminado” chamado cinema, continuem projetando, sempre, as imagens dessa rica saga mágica, venturosa e virtual através dos tempos. E que todo esse feito deva ser imortalizado na eterna e simbólica guarda da nossa tão querida Academia Paraibana de Cinema.

Pelo que foste, construístes, pela boa marca que deixaste, descansa em quietude, meu Pai!

Mais “coisas de cinema”, acesse nosso blog: [www.alexasantos.com.br](http://www.alexasantos.com.br).

## Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

[hildebertbarbosa@bol.com.br](mailto:hildebertbarbosa@bol.com.br)

# O que eles estão lendo!

“O que você está lendo?”.

Eis o título de uma das minhas crônicas publicadas aqui, na *Letra Lúdica*, e no portal *MaisPB*. Não é que alguns leitores levaram a coisa a sério e responderam, mergulhando, assim, de corpo e alma, na fantasia do cronista.

O poeta pernambucano Paulo Gustavo anda lendo, ou melhor, relendo, pela sexta vez, *No caminho de Swann*, de Marcel Proust; a *Ética*, de Spinoza, e *A felicidade, desesperadamente...*, de André Comte-Sponville.

Paulo é um *proustiano* da gema, pois, além de conhecer, por dentro e na mais amorosa intimidade, os enigmas psicológicos e as sutilezas da memória afetiva que o escritor francês explora, como nenhum outro, através do rio incontornável de sua narrativa poética, se permite, já como criador, tematizar Proust e seus delicados motivos em poemas de rigorosa fatura.

De outra parte, quero crer que Spinoza e André Comte-Sponville abastecem esse refinado leitor com assuntos filosóficos de cariz prático e mesmo, como diria Luc Ferry, *soteriológico*, voltados para a procura da vida boa e da salvação. Agir e fazer parecem conduzir os propósitos de sua leitura. Que bom!

Chico Viana, velho mestre, velho amigo, lê *As intermitências da morte*, de José Saramago, considerando, por sua vez, “Leitura, por sinal, bem apropriada a estes tempos de pandemia”. Nesta mesma chave, lembro do mesmo Saramago *Ensaio sobre a cegueira* que, em certo sentido, também traz a atmosfera distópica para o bojo da narrativa. Existe algo de catastrófico tanto num quanto noutra.

Na sua história de leitor, Chico convive com três referências máximas que me parecem essenciais para definir o gosto pelas palavras e para compor a singularidade de uma visão de mundo. No plano científico e teórico, Sigmund Freud; no plano poético, Augusto dos Anjos, e no campo ensaístico e memorialístico, Antonio Carlos Villaça. Chico, como Gil Messias e eu, é dado às leituras dos gêneros heterodoxos, memórias, diários, cartas etc.

José Rodrigues, companheiro dos bancos universitários e poeta de *A agonía mineral dos dias*, vê-se às voltas com o livro *O oráculo da noite: a história e a ciência dos sonhos*, de Sidarta Ribeiro.

Zé Rodrigues é aficionado de Lima Barreto, gosta de música e se sente atraído pelos temas da psicanálise. Tudo isto parece se refletir na pauta semântica de seus poemas e no repertório existencial do homem ensimesmado e perscrutador que é. Cisma, sem amargura, calçada numa ética de quem nunca abdica da possibilidade de um mundo melhor.

Sônia Ramalho, que densas páginas escreveu sobre José Lins do Rego e Ariano Suassuna, está lendo *Heranças*, romance de Silviano Santiago, autor que ela conhece como poucos, haja vista o arguto e engenhoso ensaio que a ele dedicou em sua tese de titularidade na UFPE, intitulado *O falso mentiroso: memórias fingidas de Silviano Santiago*. Afirma também que acabou de ler um livro de crônicas de Affonso Romano de Sant’Anna, embora não lembre o título. Affonso é escritor bom de ler. Na crítica, no ensaio, na poesia e na crônica. Crítica, não só de literatura, mas também das artes plásticas. Seu estudo acerca do Barroco me parece uma pepita de ouro.

Cauby, sociólogo, radicado em Areia, me revela que está lendo *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, e uma biografia de Nietzsche.

Cauby é leitor compulsivo, sabe tudo de Roberto Carlos e tem um estudo, dos mais sugestivos, acerca da convivência, intelectual e afetiva, entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego. Ama Machado de Assis e Euclides da Cunha. E agora, parece, está adentrando o sombrio e fantástico universo de Lúcio Cardoso, através da leitura desse romance que reputo um dos mais inovadores, poéticos e inquietantes da literatura brasileira. Sinto uma ponta de inveja. Quem lê Lúcio Cardoso não o abandona mais! Clarice Lispector o admirava, o amava e nunca escondeu a marca duradoura de sua presença na sua vida. De mulher e de escritora.

Alexandre Alves, professor de literatura da UFRN, anda lendo *Miró da Muribeca*, Drummond, em inglês (segundo ele, “ótimo!”) e poesia de Alberto da Cunha Melo.

Fico pensando no prazer e perplexidade que não está sentido diante dos versos notáveis do poeta de Jaboatão, aquele mesmo que, no poema *Lembranças do amigo José Vilela*, do livro *Publicação do corpo*, escreve: “Viver, simplesmente viver, / meu cão faz isso muito bem”, e que, em “Casa vazia”, de Meditação sob os lajedos, assinala: “Poema nenhum, nunca mais / será um acontecimento: / escrevemos cada vez mais / para um mundo cada vez menos”.

Será? Meus leitores parecem dizer que não.

Colunista colaborador



## APC informa sobre o Fest Aruanda

Academia Paraibana de Cinema (APC), representada pelo seu integrante e autor desta coluna dominical de A União, o cineasta Alex Santos, e o jornalista Lúcio Vilar (Cadeira 24 da APC), coordenador geral do Fest Aruanda, firmam parceria para os informes sobre o próximo evento.

Na quinta-feira passada (dia 10), o projeto ‘Aruandando’ da UFPB, através de live, confirmou que o 15º Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro será realizado entre os dias 10 e 17 de dezembro próximo. Um dos homenageados nesta edição será o paraibano João Carlos Beltrão (Cadeira 49 da APC), diretor de fotografia, personagem central na evolução do audiovisual paraibano.

## Nona Arte

# Heróis de HQ que o prefeito Crivella mandou recolher na Bienal se casam

João Pedro Malar

Agência Estado

A Bienal do Livro de 2019 no Rio de Janeiro foi marcada pela tentativa do prefeito da cidade, Marcelo Crivella (Republicanos), de recolher uma história de quadrinhos que retratava um beijo gay. Pouco mais de um ano depois, os protagonistas da cena se casaram na história em quadrinhos lançada na última quarta-feira, dia 9.

Os heróis da Marvel, Wiccano e Hulkling, tinham se casado em segredo na quarta edição de *Empyre*. Os dois decidiram realizar uma nova cerimônia em *Avengers Empyre: Aftermath*, que contou com diversos heróis da editora, como a Capitã Marvel, o Homem de Ferro e o Quarteto Fantástico.

O casal foi introduzido na HQ *Jovens Vingadores*, de 2005, e os dois participaram de diversos eventos nos quadrinhos, incluindo em *Vingadores - A Cruzada das Crianças*, que motivou a polêmica na Bienal. Foi nela que um beijo entre os heróis foi mostrado pela primeira vez, em 2012.

O recolhimento dos quadrinhos, justificado com o argumento de que ele teria conteúdo impróprio para menores,



Imagem: Divulgação

Personagens da Marvel, Hulkling e Wiccano, se unem em matrimônio na quarta edição de ‘Empyre’

não foi acatado pela Bienal, e eles esgotaram em 35 minutos no dia seguinte à determinação. O local também recebeu diversas manifestações – realizadas também nas redes sociais – contrárias à decisão, caracterizada como censura, que defenderam o respeito à diversidade.

O casamento é o primeiro entre dois super-heróis de mesmo sexo na Marvel, mas não é o primeiro casamento gay envolvendo personagens da editora. Em 2012, o herói Estrela Polar e o

empresário Kyle Jinadu protagonizaram o primeiro casamento entre pessoas do mesmo sexo na Marvel, na edição 51 de *Astonishing X-Men*.

O escritor Al Ewing, responsável pelas duas HQs com os “casamentos” de Wiccano e Hulkling, falou sobre a união quando a quarta edição de *Empyre* foi divulgada: “Tenho muito amor pelo Wiccano e pelo Hulkling, tanto individualmente quanto como casal. Foi uma boa sensação (mostrar o casamento)”.

# Treze joga, amanhã, ainda em busca da primeira vitória

Campeão paraibano acumula três derrotas e um empate, e enfrenta o Manaus, às 18h, na Arena da Amazônia

Iago Sarinho  
iagosarinho@gmail.com

O Treze conquistou seu primeiro ponto na Série C após empatar em casa por 2 a 2 contra o Remo na última sexta-feira. No entanto, depois de quatro derrotas seguidas – para o Campinense na última partida das finais do paraibano e mais três revezes na terceira divisão – o novo tropeço, dessa vez contra o time paraense foi um péssimo resultado para o alvinegro de Campina Grande. Cada vez mais longe do G4 e ainda na lanterna da disputa, o objetivo do Galo, agora, passa a ser fugir do rebaixamento e para isso o time enfrentará amanhã o Manaus, fora de casa, às 18h na Arena da Amazônia.

Para fugir do rebaixamento, o objetivo é claro, pois faltando 14 jogos para disputar na primeira fase e 42 pontos possíveis a serem somados, o time precisa chegar, no mínimo, na marca de 19 pontos, marco que em 2015 salvou o Salgueiro do descenso e no ano passado, o próprio Treze. Já em 2012 e 2014, para fugir da degola, Cuiabá e Águia de Marabá, respectivamente, precisaram fazer 20 pontos na tabela.

Enquanto isso, em 2016, 2017 e 2018, Salgueiro, Botafogo e ABC precisaram chegar aos 21 pontos na classificação para não serem rebaixados. O único ano atípico foi 2013 - desde que a Série C passou a ser disputa-



Jogadores do Treze seguem se empenhando nos treinamentos, mas nos jogos não têm conseguido bons resultados e vivem pressionados pela primeira vitória na Série C do Campeonato Brasileiro

da nesse formato em 2012 - quando o Grupo A teve 11 times e o lanterna, Rio Branco, somou apenas seis pontos em toda a competição. Diante desse cenário, a pontuação de segurança passa a ser os 21 pontos e, para chegar nesse quantitativo, o Treze precisará marcar 20 pontos em 42 possível, algo que implica em um aproveitamento de

47,6%. Hoje, o único ponto somado em quatro jogos representa 8,3% do que já foi disputado.

No ranking de pontos perdidos na Série C deste ano, o Treze ainda surge como a equipe com o pior aproveitamento empatado com o Paysandu que já jogou uma partida a mais e tem 4 pontos na tabela. Fechando os três piores de-

sempenhos em termos de aproveitamento de pontos, surge o Botafogo que já desperdiçou 10 pontos na tabela. O Manaus adversário do Galo da Borborema nesta segunda e que está com seis pontos somados em 5 partidas surge nessa ranking do aproveitamento de pontos na quarta pior colocação, tendo deixado de somar 9 tentos

nos jogos que disputou.

O time amazonense fará contra o Treze a sua terceira partida jogando em seus domínios, local onde ainda não perdeu na Série C, fator que promete elevar as dificuldades para o time paraibano que precisa desesperadamente de uma vitória para não começar a enxergar a Série D no retrovisor.

O Treze precisará marcar 20 pontos em 42 possíveis, algo que implica em um aproveitamento de 47,6%, para se manter na Série C

## Botafogo x Vasco fecha a 10ª rodada do Brasileirão

A rodada deste domingo do Campeonato Brasileiro tem vários jogos importantes como o líder Internacional que vai até Goiânia enfrentar o Goiás; o Fluminense que recebe o Corinthians, no Maracanã, além de Ceará x Flamengo e Palmeiras x Sport, mas o clássico carioca entre Botafogo e Vasco é o que chama mais atenção, principalmente porque vai fechar a 10ª rodada.

Além de jogar neste domingo, as duas equipes vão repetir o confronto na próxima quarta-feira, mas pela Copa do Brasil.

Historicamente é o Vasco quem leva a vantagem. O site O Gol, especializado em estatísticas, aponta 124 vitórias vascaínas contra 79 triunfos botafoguenses, além de outros 90 empates.

No Campeonato Brasileiro são 51 jogos com 21 vitórias do Vasco, 13 vitórias do Botafogo e 17

empates. A maior goleada é do Vasco. No Campeonato Carioca de 2001, o cruzmaltino venceu o rival por 7 a 0. Do lado do Botafogo, a maior vitória contra o Vasco foi por 5 a 1, placar que se repetiu duas vezes: a primeira no Carioca de 1942 e, posteriormente, no Rio-São Paulo de 61.

O confronto de 97 anos é conhecido como "Clássico da Amizade". Este nome foi dado pois poucas vezes confusões entre torcedores botafoguenses e vascaínas foram constatadas.

O último "Clássico da Amizade" foi muito movimentado. Em 2 de fevereiro de 2020, quando torcedores ainda podiam frequentar estádios, os times se enfrentaram pela quinta rodada da Taça Guanabara e o Botafogo levou a melhor por 1 a 0 com gol de Igo Cássio.

O Vasco vem de uma derrota surpreendente

para o Atlético-GO por 2 a 1, em casa. Já o Botafogo empatou em 1 a 1 com o Athletico, no Paraná.

### JOGOS DE HOJE

#### ■ Série A

16h  
Fluminense x Corinthians  
Grêmio x Fortaleza  
18h  
Atlético-MG x Bragantino  
Bahia x Atlético-GO  
Ceará x Flamengo  
Goiás x Internacional  
19h45  
Palmeiras x Sport  
20h30  
Botafogo x Vasco

#### ■ Série B

11h  
Oeste x CSA

#### ■ Série C

18h  
Santa Cruz x Remo  
Amanhã  
18h  
Manaus x Treze  
20h  
Jacuipense x Ferroviário



Foto: Vitor Silva/Botafogo

No último confronto entre as equipes, ainda pela Taça Guanabara, a vitória foi do Botafogo por 1 a 0 no Engenhão

# As aves que gorjeiam pelos céus da cidade

## Conheça a diversidade e a beleza desses animais que habitam ou "visitam" João Pessoa em suas migrações

**Sara Gomes**  
saragomesilva@gmail.com

O verso do poema Canção de Exílio - "Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá; as aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá", escrito pelo romancista brasileiro Gonçalves Dias, em 1843, enalteceu as belezas naturais do Brasil, principalmente, a diversidade das aves. Não é para menos, basta olhar para o céu e observar a exuberância de suas cores e ser agraciada com o cantar dos passarinhos ao alvorecer das manhãs. Só na Paraíba, quase 400 espécies já foram catalogadas, do total de 1920 espécies encontradas no Brasil. Entretanto, exatamente por serem tão belas, se tornam cada vez mais vulneráveis ao comércio ilegal de animais silvestres.

Entre as espécies predominantes na área urbana de João Pessoa destacam-se bem-te-vis, corujas, gaviões, carcarás, urubus, rolinhas caldinho de feijão, andorinhas, maçaricos, sibites, beija-flores e a corruíra - uma das aves presentes em ambiente urbano

que têm o canto considerado o mais belo do mundo. Já no interior do Estado, é possível encontrar a rolinhas-picuí, arribanças, corujas buraqueiras, sofrê, canções, inhambus, periquitos-da-caatinga e seriemas.

A Paraíba conta com oito Unidades de Conservação, sendo quatro parques, duas reservas ecológicas, um monumento natural e o Jardim Botânico Benjamim Maranhão. A cidade de João Pessoa é privilegiada por possuir pequenas reservas de Mata Atlântica, sendo a principal delas, a Mata do Buraquinho.

Andreza Amaral, bióloga especialista em aves, explica que existem as aves nativas da região e as migratórias, quer sejam migrantes do hemisfério Norte ou de outras regiões do Brasil. "As migratórias são aquelas aves que passam uma parte do seu ciclo de vida aqui, geralmente para passar o inverno em um lugar menos frio, ou aquelas que transitam de lá para cá para se reproduzir", explicou.

Dentre as aves com rota migratória, destacam-se algumas espécies de patos, mar-

recas, andorinhas, bатуíras-de-cólera e maçaricos... Estes últimos são campeões de migração. A maioria das garças também são aves migrantes, algumas vieram do continente africano navegando com as caravelas, outras já residem em João Pessoa. "Na lagoa do Parque Sólton de Lucena, por exemplo, podemos identificar três espécies de garça: a garça-branca, a garça-branca-grande e a garça-vaqueira. Há também os patos silvestres", citou a bióloga.

"Nossas belezas naturais são o maior tesouro que dispomos como sociedade. O canto e a beleza das aves colorindo nosso céu são riquezas de que podemos nos orgulhar. Além disso, o turismo de observação de aves vem crescendo e gerando cada vez mais empregos e desenvolvimento em diversas regiões do país. Portanto, a Paraíba tem um enorme potencial para se destacar neste roteiro turístico internacional", enfatizou Andreza Amaral.

**Continua na página 14**



Foto: Francisco França



Foto: Marcus Antonius

O suiriri, flagrado na hora do "lanche", e o majestoso cardeal, também conhecido como galo de campina, podem "dar o ar da graça" a qualquer hora



Foto: Marcus Antonius



Foto: Francisco França



Foto: Andreza Amaral



Foto: Francisco França

Urubus, corujas, corruíras, garças e lavadeiras podem ser vistos em parques e praças de João Pessoa, além de fazerem morada em árvores espalhadas por toda a cidade

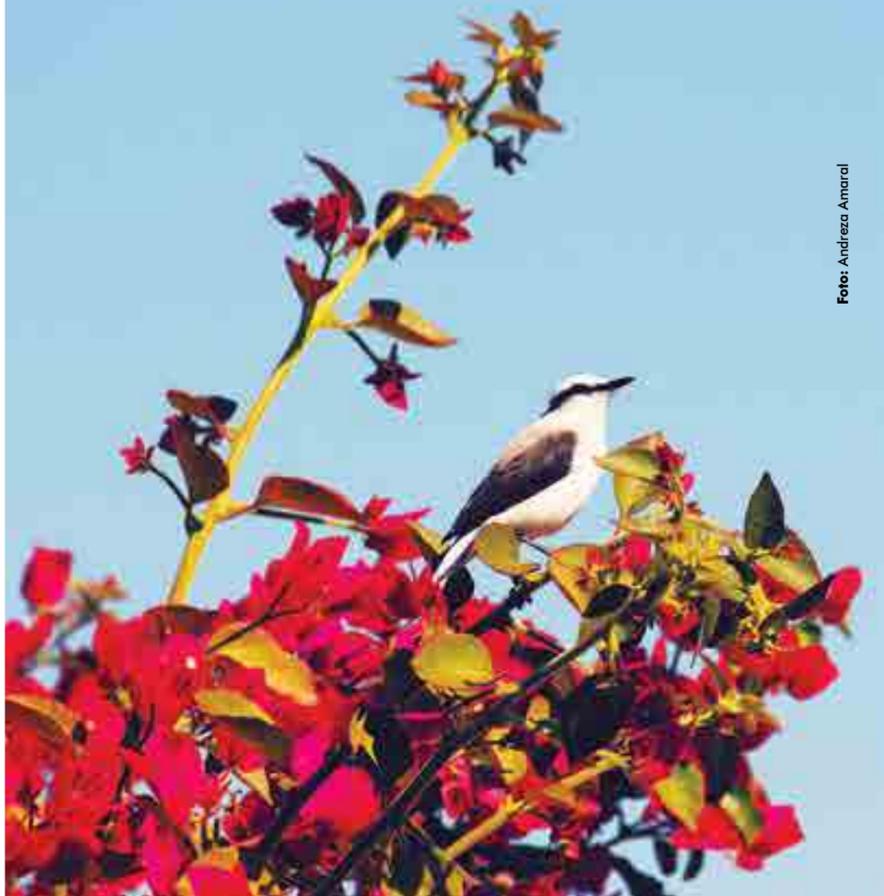
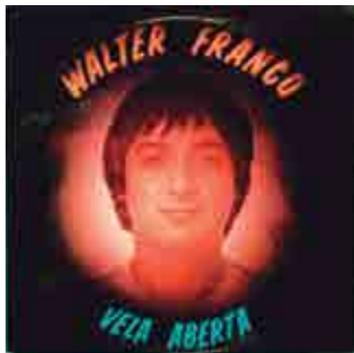


Foto: Andreza Amaral

## Essas coisas

**Carlos Aranha**  
c.aranha@yahoo.com | colaborador

# Entre Walter Franco e Arrigo Barnabé



**S**empre tive obrigações sazonáveis com a memória do lado vanguardista da denominada música popular brasileira (que hoje é arremessada numa esculhambação que nada tem de anarquista, mas de conservadora ao extremo, ditada por um mercado equivocado).

Minha obrigação sazonal deste setembro de poucas chuvas é lembrar que Walter Franco e Arrigo Barnabé (foto) foram, em nível nacional, no espaço fora dos territórios baianos, paraibanos e pernambucanos, as figuras de maior expressão na

fase em que o tropicalismo foi diluído.

Walter Franco foi o primeiro e o menos "musical" (quando se conceitua música de acordo com as exigências de determinados padrões de melodia e harmonia).

Um poeta processual por natureza, aqui e ali bebendo também um pouco no concretismo, Walter decidiu penetrar mais naquela linha tão explorada por Caetano Veloso em seu antológico "Araçá azul". "Cabeça" foi o exemplo típico da circulação vanguardista de Walter na diluição tropicalista, com sua pergunta-chave: "que é que cê tem nessa cabeça, irmão?".

O que não provocou uma explosão

maior de Walter Franco foi a falta de acompanhamento de outras experiências em níveis semelhantes. Ele isolou-se e foi isolado, até desaparecer com a sofrida "Canalha", por coincidência no momento em que a TV Tupi começava a morrer, em 1979.

Quem apareceu, em ritmo de vanguarda sulista, na diluição do tropicalismo foi Arrigo Barnabé (foto).

Transferindo-se do Paraná para São Paulo, logo Arrigo transformou-se no líder da vanguarda musical atuante na "paulicéia". Foi naquele mesmo festival da Tupi, em 79, que ele surpreendeu os telespectadores fiéis à MPB com sua anárquica "Sabor de veneno".

A carreira posterior de Arrigo - lançando coisas tão diversas como uma valsa dissonante ("Londrina"), o frankzappiano "Tubarões voadores" e trilhas sonoras de alguns filmes (como "Cidade oculta") - o consolidou como um dos músicos de extrema competência que o Brasil fez nascer.

Está cumprida mais uma das minhas obrigações sazonáveis musicais.

## Tudo outra vez?

Na primeira semana de março de 1991, Gonzaguinha esteve em João Pessoa, não para fazer shows. Ficou três dias no Sol Mar Hotel, na Ruy Carneiro, onde hoje funciona um colégio.

Desde 1980 que Gonzaguinha morava em Belo Horizonte, com a mulher e a filha. Deixara o Rio de Janeiro por não suportar mais a "extrema agitação" da metrópole. No final dos anos 80, decidiu sair da capital mineira para morar em João Pessoa. Disse-me, por telefone, que BH - onde fazia também um programa de rádio - já estava para ele tanto quanto o Rio.

Adorava João Pessoa e veio aqui com privacidade para conhecer melhor a cidade e escolher um bairro que o agradasse, a fim de fixar residência. Eu e o artista Unhandeijara Lisboa fomos cicerones e o levamos a alguns bairros, menos na praia, pois Gonzaguinha não queria morar no litoral. Enfim,

gostou muito da área entre o lado sul do Espaço Cultural e a Avenida Beira-Rio. Naquela época existiam ali muitos terrenos não vendidos, onde não começaram construções. Nos autorizou a conversar com proprietários e corretores de terrenos ou boas casas desocupadas, para começar a morar aqui em 1992. Faltou dizer: eu, ele e Nandi passamos uma tarde bebendo num bar da Torre.

Praticamente dois meses depois, aconteceu a tragédia que deixou em luto profundo a música popular brasileira. Depois de uma apresentação em Pato Branco, já de madrugada, Gonzaguinha não quis dormir na cidade paranaense. Às sete e meia da manhã de 29 de abril de 1991, foi vítima de um acidente automobilístico enquanto dirigia o carro em direção a Foz do Iguaçu. Estava com 45 anos de idade.

Sei que, se Gonzaguinha vivo fosse, agora com 76 anos, começaria tudo outra vez.

# Protetores querem leis mais rígidas e educação ambiental

Mais de 3,7 mil animais silvestres foram apreendidos na Paraíba, este ano, com caçadores e criadores ilegais

Sara Gomes  
saragomesilva@gmail.com

De janeiro a agosto deste ano, o Batalhão de Polícia Ambiental (BPAmb) da Paraíba apreendeu 3.768 animais silvestres no Estado, seja por tráfico, caça ou criação ilegal de animais em cativeiro. As aves que mais sofrem pressão de caça são as arribanças, inhambus, perdizes e codornas. Já as mais visadas para o comércio ilegal de animais silvestres são os azulões, espécies variadas de papa-camins, galos-de campina, sabiás, papagaios e periquitos.

Quem for pego em flagrante com animais silvestres em cativeiro sem a autorização dos órgãos competentes deverá pagar uma multa de R\$ 500 por cada animal apreendido, podendo chegar a R\$ 5 mil, caso a espécie esteja ameaçada de extinção. Após o resgate, os animais poderão ser soltos no momento da apreensão, quando examinados por profissional capacitado; ou levados para reabilitação no Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), localizado em Cabedelo, para serem inseridos em programas de solturas controladas. De acordo com a Lei nº 9.605/98, são considerados crimes ambientais contra a fauna “matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente”, segundo o artigo 29. Todos os animais silvestres, tanto aqueles que vivem em território brasileiro ou utilizam o país como rota migratória, são protegidos por esta lei.

Na opinião da bióloga, as leis sobre crimes ambientais são muito brandas, o que dificulta bastante o trabalho, tanto dos órgãos fiscalizadores quanto dos ativistas ambientais. “Para você ter noção, um dos maiores traficantes de animais silvestres do Brasil é um paraibano de Pombal. Ele foi preso por outros crimes cometidos porque as dezenas de crimes ambientais cometidos

por ele não tiveram força para prendê-lo. Precisamos de uma reforma nestas leis”, afirmou.

Já o analista ambiental do Ibama, Ronilson José da Paz, considera, na medida do possível, a lei abrangente, pois consegue enquadrar vários comportamentos como crime. “Os órgãos de controle e monitoramento devem fazer um trabalho em conjunto para minimizar os ataques ao meio ambiente que, muitas vezes, é provocado pela falta de conhecimento. Portanto, é imprescindível realizar campanhas de educação ambiental, explicando os limites para as ações no meio ambiente. Isso poderá ser mais eficiente do que a imputação de multas, muitas vezes impagáveis”, opinou

## Anilhas

A anilha é um anel de identificação único fornecido pelo Ibama. O criador amador só pode solicitar a posse de uma ave depois que estiver com a documentação toda regularizada na Sudema e devidamente cadastrado no Sistema de Controle e Monitoramento da Atividade de Criação Amadora de Pássaros (Sispas). Portanto, a licença deverá ser adquirida antes da aquisição do pássaro, lembrando que essas aves devem ter origem legal - provenientes de um criador já cadastrado -, e que ambos estejam em situação regular junto à Sudema e Ibama. A confecção da anilha é específica para a ave pretendida, sendo assim, o criador já deve estar cadastrado e possuir uma matriz (fêmea adulta) em fase de reprodução. As anilhas devem ser colocadas até o quinto dia de vida do pássaro para não causar nenhum dano ao animal.

No entanto, os traficantes e falsificadores costumam fazer réplicas ou reaproveitar as anilhas fechadas em aves capturadas na natureza - um crime grave, passível de prisão. Para coibir esta prática, a Sudema realiza vistorias presenciais aos criadores de passeriformes silvestres para identificar a veracidade da anilha.



A Polícia Ambiental faz um trabalho incansável de fiscalização por todo o Estado, mas o comércio ilegal continua prendendo e matando aves

## + Órgãos dividem funções na proteção de animais

A Secretaria de Meio Ambiente do Município (Semam), o Batalhão de Polícia Ambiental, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e a Superintendência Executiva do Meio Ambiente (Sudema) são responsáveis pela fiscalização e monitoramento da Política Nacional do Meio Ambiente.

O papel do Ibama é representar o Ministério do Meio Ambiente nos Estados, sendo o órgão que coordena as ações de controle e monitoramento ambiental. A Lei Complementar 140/2011 informa quais as atribuições específicas do município, Estado e União. A Semam, por exemplo, realiza a fiscalização preventiva e notificação dos casos. O Estado passou a gerir o Sistema de Cadastro de Passeriformes (SisPass), um sistema direcionado a pessoas físicas que desejam manter em cativeiro aves nativas da ordem passeriformes sem a finalidade comercial, seja para contemplação, estudo e conservação de espécies ou para o

desenvolvimento de tecnologia reprodutiva. Antes, esta responsabilidade era exclusivamente do Ibama, porém, com a criação desta lei complementar a atribuição passou a ser compartilhada com a Sudema através de um Acordo de Cooperação Técnica (ACT).

De acordo com a Coordenadoria de Estudos Ambientais (CEA), existem cerca de oito mil aves cadastradas no Sispas na Paraíba. As pessoas que desejam criar até cem aves silvestres em cativeiro na Paraíba deverão se cadastrar no SisPass e só poderão comprá-las de criadores comerciais registrados no SisFauna (Sistema Nacional de Gestão da Fauna Silvestre), gerenciado pelo Ibama e órgãos estaduais que assinaram o acordo.

Já os pássaros adquiridos de criadores cadastrados pelo SisFauna deverão ser recadastrados no SisPass. A Lei nº 11084/2018 regulamenta os procedimentos de manejo de aves silvestre nativa no Estado. Para mais informações, consulte <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=355220>.

com.br/legislacao/?id=355220 .

Segundo a coordenadora de Estudos Ambientais, Cristina Vasconcelos, a Sudema vem se empenhando para analisar os cadastros dos criadores de aves silvestres no Estado, além de melhorar as ações de educação ambiental e buscar o aperfeiçoamento no licenciamento da fauna silvestre em parceria com o Ibama. “Percebe-se que a maioria dos criadores desconhecem as regras tanto do sistema de cadastro quanto a própria lei estadual de cadastro para amadores. Temos trabalhado, principalmente, com as associações cadastradas na Sudema, informando as obrigações de cada criador. Gerenciamos dois sistemas e estamos sempre buscando melhorar a maneira de implementá-los. Procuramos também nos aperfeiçoar diante das demandas, seja através de parcerias com outros estados ou fazendo parte de grupos técnicos de faunas, com o intuito de prestar um atendimento melhor ao público”, informou.

## Toca do Leão

Fábio Mozart  
colaborador

# Morre a voz comunista de Deus

O pequeno rebelado, era como o chamávamos. Menos de um metro e sessenta, sorriso perpétuo nos lábios, engajado nas lutas sociais desde sempre. Raramente tomava birita. Quando o fazia, virava palhaço. No carnaval, ele na rua acompanhando as troças, puxou o rabo do boi. “Quem mexeu com o boi?” “Foi aquele menino de bigode!” Eterno menino, Frederico Guilherme de Araújo Lopes foi padrinho do meu casamento. Numa crônica lembrei dessa patuscada:

“Eu e meu parceiro Frederico Guilherme de Araújo Lopes, (que algum deus misericordioso com os bêbados, comunistas e galhofeiros o guarde em algum lugar legal), estávamos na esquina paquerando as meninas, sim, porque naquela remota era se dizia paquerar o ato de chavecar o sexo oposto. Pois bem, estávamos naquela de azarar as fulanas, quando surge na esquina meu pai puxando uma moça pela mão, aquela que era

minha noiva. Foi aí que eu lembrei que era o dia do meu casamento. Em pânico, tentei fugir, no que fui impedido pelo dito cujo Fred Lopes, auxiliado por Zenito Oliveira, outro camarada meio abilado que fazia parte da turma. Começava minha comédia dramática deste dia”.

Fred foi ferroviário, companheiro de profissão. Comunista de carteirinha carimbada, ele cometeu a suprema ousadia de namorar com a filha de um tenente do Exército numa época em que os militares mandavam em tudo no Brasil. Foi demitido da empresa e desapareceu. Quarenta e tantos anos depois, na última semana desse agosto de 2020, surgiu no meu Facebook. Morando em Parnamirim, “ainda comunista e contestador”, bisavô e palhaço nas horas vagas. Romualdo Palhano lembra que Fred foi um dos fundadores do nosso grupo de teatro. Ateu, emprestava sua voz para a gravação das falas da “Paixão de Cristo” que encenávamos nas ruas de Itabaiana. Era a voz de

Jesus. Emocionado torvelinho de cenas e falas e lances de nossas vidas como artistas amadores e profissionais da estrada de ferro. Para provocar, lembrei a ele que o Partido Comunista da China expulsou um presidente de estatal que chamou o líder Xi Jinping de “palhaço” pelo modo canhestro de lidar com a pandemia do coronavírus. Fred rebateu: “pior é aqui que não temos um palhaço no comando, e sim um exterminador do futuro”.

Fred vivia preocupado com os trinta milhões de miseráveis no campo e na cidade, mas não ficava se lamentando nas redes sociais, que na época nem se sonhava. Dava a cara à tapa, ia à luta, “pero, sin perder la ternura”. Ponta direita medíocre, gostava de proclamar: “esquerda, só a consciência”. Fred provou que não só o Homem Aranha pode parar um trem. Ele fazia isso nas greves da categoria. Estancava a força das máquinas com a robustez de uma energia que não existia concretamente, mas vivia disfar-

çada naquele pequeno homem como se fosse um superpoder a crescer com suas certezas e suas mais fundas esperanças. Fazia reuniões com trabalhadores rurais sem terra no pátio da estação, à vista dos policiais ferroviários. A Polícia Ferroviária produzia relatórios semanais para os chefetes. Só porque levei para ler no trabalho um exemplar do jornal “O Pasquim”, fui citado num desses relatórios. Fred era a estrela máxima daquelas narrativas autoritárias. Acabou demitido pelos milicos. Foi ser sindicalista e agitador profissional.

Após quarenta e tantos anos, eis que me aparece o compadre Fred nas redes sociais. Uma semana depois veio a notícia do seu falecimento. Dogmático e fanático e devoto de um deus realmente sensível e humano, o deus do homem redentor de si mesmo, morreu Frederico Guilherme.

“Onde o porto a que levei meu morto?”, indaga o poeta Moacyr Félix.

# Um livro singular sobre 1930

A Revolução e o papel da Paraíba no movimento foram registrados em obra publicada pela Câmara Federal

**Chico Pereira**  
Escritor

Em 1986 recebi uma proposta do então senador paraibano Marcondes Gadelha para desenvolver uma publicação referente aos anais da Semana Comemorativa da Revolução de 1930, seminário por ele coordenado na Câmara Federal entre os dias 29 a 31 de outubro de 1980, quando ele era deputado federal pela Paraíba.

Este acontecimento reuniu em Brasília expressivas figuras da historiografia brasileira para discutirem, ao lado de alguns dos atores desse movimento, quais as razões e consequências desse acontecimento que viria se transformar no rito de passagem do Brasil do passado para a modernidade.

De posse do material taquigrafado e já corrigido pelos técnicos responsáveis pelos registros desde 1984 e pronto para impressão, debruçei-me sobre o conteúdo na perspectiva que ali estava nada mais que um calhaço de informações, das tantas que que estamos acostumados a ver nas publicações de discursos parlamentares ou eventos festivos, geralmente distribuídos a eleitores ou instituições, que quase sempre vão parar em estantes ou jogados ao deus dará.

Enganei-me. Estava ali, à minha leitura, um texto vivo e pulsante, um dos mais vibrantes registros da história nacional que jamais tinha lido. A cada página um tiro certo, bombas e foguetões esclarecedores, muitos jamais revelados à historiografia. Depoimentos apaixonados de algumas testemunhas oculares dessa história, diante de estudiosos consagrados e de plateias atentas que durante esses dias se emocionavam a cada voz ali se reencontrando nas suas lembranças.

Naquele momento vencidos e vencedores, os sobreviventes da Revolução, cada um trazendo à tona, pela primeira vez, cara a cara, suas versões sem aqueles ressentimentos iniciais que tanto estig-



Foto: Arquivo pessoal

Chico Pereira organizou livro com base em seminário realizado pela Câmara nos 50 anos da Revolução de 30

matizaram os diferentes lados, meio século após esse conflito, para a maioria dos historiadores o fato que definitivamente colocou o Brasil no panorama mundial, não mais como fornecedor de matérias primas mas de promissora nação em busca do seu lugar no mundo.

Vi que a minha responsabilidade nessa tarefa aumentava. Pois não se tratava de uma publicação qualquer. Tinha pela frente a missão não só de acomodar o texto em formato adequado, mas transformá-lo num livro diferenciado, cujo conteúdo era um deslumbrante acontecimento, quando os sobreviventes de 30 e todos os demais participantes teriam a oportunidade única de se perpetuarem para a historiografia, nesse evento singular que não se repetirá jamais.

Organizado o espaço gráfico e a formatação do livro, busquei lhe emprestar uma feição própria, cuja capa

pudesse representar o fato histórico, tarefa que passei ao ilustrador Silvano Alves Bezerra, então meu aluno na UFPB. Acrescentei fotografias colhidas no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, feitas por mim, do meu acervo e algumas que registrei do escultor Breno Mattos quando elaborava a matriz do busto de José Pereira, um dos principais agentes ativos dos acontecimentos da época. Cumprido a tarefa o livro foi editado pela gráfica do Senado, dentro dos padrões daquele momento, distante portanto das feições da atualidade, já que impresso há mais de trinta anos.

Feito o lançamento a obra foi um sucesso por ser mais uma publicação referente aos anos de 1930, assunto sempre atual, e bem mais pelas revelações contidas e abordagens instigantes. Como Afonso Arinos relembrando garoto a passagem dos sediciosos pela calçada da sua casa em dire-

ção ao Forte de Copacabana, em 1922, e depois o sangue dos mortos e feridos na porta da igreja de Copacabana, fato emblemático da época de Eptácio Pessoa Presidente. Washington Luíz P. de Souza, neto do último presidente da República Velha, revelando cartas trocadas entre seu avô e importantes figuras destacadas daquela época. Batista Luzardo, uma das mais emblemáticas personagens de 30 e participante ativo de armas e tribunas da Aliança Liberal. Barbosa Lima Sobrinho no seu jornalismo engajado. E tantos outros relevantes atores e testemunhas que enriquecem a obra.

Importante ver como a Paraíba se destaca no desenrolar dos depoimentos como fulcro não só da morte de João Pessoa mas dos antecedentes históricos que levaram seu engajamento no processo revolucionário, que se estenderam além da Revolta



Foto: Reprodução

Escultor Breno Mattos dando acabamento no busto em bronze de José Pereira



Foto: Reprodução

Retrato de João Pessoa feito em Recife pouco antes do seu assassinato

de Princesa. Aí a importância da presença de Francisco Mindelo e Joaquim

Inojosa, entre outros, cujos depoimentos, mais do que desabafos, são registros inquestionáveis já que a passagem do tempo não fez concessões quando reveladas por eles.

Uma referência especial a fala de Jacob Guilherme Franz, gaúcho que aqui aportou aquela época engajando-se nas trincheiras da guerra de Princesa, vindo depois se instalar nos Sertões de Dentro, transformando-se em fazendeiro e político - prefeito da hoje São João do Rio do Peixe e deputado federal - cujo depoimento, quase que cinematográfico, descreve a luta que antecederia à queda da República Velha.

Esgotada a edição e diante da procura, resolveu o senador Marcondes Gadelha naquele mesmo período reimprimir o livro. Agora com novo título REVOLU-

ÇÃO DE 30 - discussão final, considerando que as observações de destacados leitores testemunhavam que a obra, pela sua singularidade em juntar pela primeira e última vez importantes historiadores do assunto e os próprios agentes sobreviventes da Revolução, nada haveria com essa semelhança voltar acontecer. Daí portanto o título dessa reimpressão com uma nova capa para que se consagrasse essa iniciativa.

Passado mais de 3 décadas, pela raridade, seria oportuno que a obra venha ser republicada com uma nova roupagem gráfica para perpetuar esses depoimentos e garantir a presença da Paraíba nesse acontecimento indelével da história nacional, seu mais importante evento histórico.

\*Chico Pereira é membro da Academia Paraibana de Letras, Artista plástico. Professor aposentado da UFPB

## + Apresentação assinada pelo então deputado Marcondes Gadelha

Uma nação que constrói conscientemente sua identidade e sua autonomia necessita refletir sem cessar sobre sua história e sobre as censuras que a tenham perpassado, de modo a tornar-se mestra soberana de seu presente e senhora de seu futuro. O livro aqui apresentado traz substancial contribuição para reflexão. Meio século depois, não se festeja apenas uma simples efeméride, mas sobretudo esboça-se balanço crítico de um momento maior da vida contemporânea brasileira: a Revolução de 1930.

Esta obra distingue-se por um caráter singular: em suas páginas exprimem-se cinquenta anos passados, importantes atores do movimento

revolucionário, consignando testemunhos de insubstituível relevância para a adequada compreensão dos fatos e de suas consequências na vida política do país, desde então. A publicação do depoimento tem sido habitual, na historiografia política brasileira dos últimos anos. Temos neste volume, contudo, a disposição do leitor, a reunião de agentes históricos que participaram dos embates de 30 em campos opostos e que, agora encontram-se congradados pelo longo prazo de experiência destes cinco decênios e co-participes deste debate original. Uma especificidade deste encontro aparece na voz dos vencidos, cuja palavra abre a trilha da revisão das

versões histórico-política predominantes, invariavelmente marcadas pelas perspectivas dos vencedores. Outra dimensão original está em que, sem as contribuições aqui registradas, o grande número de participantes do colóquio e o público em geral não teriam acesso ao testemunho vivo dos agentes políticos dos acontecimentos.

A participação eminente de renomados historiadores e cientistas políticos, através de suas conferências, comentários e debate, trouxeram para o evento a práxis da comunidade acadêmica. Suas intervenções forneceram a indispensável moldura política, econômica e social, a nível mundial, nacional e regional tendo

permitido enfocar a natureza revolucionária do movimento de 30 no contexto das crises da República Velha: a mudança de mentalidade, os conflitos oligárquicos, o choque entre estrutura agrária e modernização industrial, o início do processo de uma urbanização descontrolada, a internacionalização acelerada da economia e outras mais. A complexidade de aspectos que destarte se evidencia deixa claro que não mais se pode ver 30 do mero ponto de vista sociológico, como já reconhecera Boris Fausto (A Revolução de 1930, 1976, 4 edição).

A oportunidade da publicação deste trabalho se ressalta, ainda mais, neste ano de 1985, em que a Paraíba come-

mora o seu quarto centenário. Teatro dos conflitos armados que abalaram a vida nacional em 1929-1930, com a revolução de Princesa, a Paraíba tornou-se então epicentro da política que envolveu João Pessoa e Washington Luís. Tendo-se sacrificado pelos interesses maiores do país, em 1930, a Paraíba festeja seus quatro séculos de história, relembrando seu papel decisivo na evolução dos acontecimentos políticos destes últimos cinquenta anos.

O lançamento desta obra em boa hora atende a crescente demanda de historiadores e cientistas do país e mesmo do exterior que nela veem com justa razão, importante fonte de informação e roteiro de análise.

# UFCG realiza pesquisa com a rede 5G

Tecnologia permite a operação de muito mais informação em um mesmo 'espaço', o que torna a transmissão muito mais veloz

**Márcia Dementshuk**  
marcia.imprensa@see.pb.gov.br

A tecnologia que irá transformar a experiência da conexão digital entre as pessoas, entre pessoas e equipamentos e entre equipamentos, o 5G, é objeto de pesquisa na Universidade Federal de Campina Grande. O Lab 5G, no Laboratório de Computação Integrada e Pervasiva do Departamento de Engenharia Elétrica realiza experiências e testes em uma rede 5G restrita e prepara sistemas que possibilitarão a execução de projetos de Internet das Coisas, transmissão de vídeos, aplicações de realidade aumentada, controle remoto de equipamentos, tudo em tempo "mais do que real".

Se a expressão "em tempo real" é usada hoje em transmissões e coberturas pela Internet em redes 3G ou 4G, o 5G permitirá que, de fato, a percepção das pessoas conectadas seja instantânea. O coordenador da pesquisa em 5G, professor Danilo Freire de Souza Santos, explica que o grande ganho é o tempo de resposta. "Hoje em dia, o serviço de cidades inteligentes ou até mesmo os bancos de dados, softwares, têm que ser hospedados em algum lugar, em algum servidor; e esses data centers estão em SP ou em outros países, o mais comum é nos Estados Unidos. A transmissão desses dados

pelas redes saindo de um dispositivo para o outro demora, muito pouco, mas demora. A transmissão de dados em redes móveis 3G ou 4G são mais vulneráveis, mais lentas. A tecnologia 5G permite a operação de muito mais informação em um mesmo 'espaço', o que torna essa transmissão muito mais veloz".

Danilo Freire de Souza Santos exemplificou a forma como isso ocorre. Com o 5G é possível que haja uma es-

**Se os dados estão em SP ou Miami demora entre 120 a 200 milissegundos para chegar à PB, com 5G e a computação na borda isso pode cair para cerca de 10 a 5 milissegundos**

pecie de "servidor" em cada antena, para onde os dados do usuário migram, conforme a pessoa se desloca. Assim, no instante que esses dados são acessados, eles estarão perto do dispositivo e não terão que "viajar". Isso é possível por causa da tecnologia de "computação na borda", que viabiliza esse processo. Além da rede 5G ser mais rápida, a hospedagem estará próxima. O percurso que os dados farão será bem menor. É como se houvesse um pedaço de data

center, um servidor, um computador e colocar na área.

Se os dados estão em São Paulo ou Miami demora entre 120 a 200 milissegundos para chegar à Paraíba. Com 5G e a computação na borda isso pode cair para cerca de 10 a 5 milissegundos. É praticamente instantâneo; uma demora imperceptível para a pessoa. Dá outro tipo de sensação do usuário com o serviço.

"Estamos explorando como se desenvolve esses serviços, como explorar melhor as características da rede 5G, desenvolvendo serviços específicos para computação de borda, tecnologia de realidade aumentada, orquestração de vídeo, aplicações na base dos serviços", ressaltou Danilo Freire. "Para isso ser oferecido, é necessário um arcabouço de tecnologia para que desenvolvedores criem suas aplicações em cima dessa infraestrutura. Quando o 5G chegar, já terá uma base tecnológica pronta.

Por enquanto, o Lab 5G explora uma das três características do 5G, a questão da ultravelocidade. As demais, machine-to-machine communication - comunicação entre muitos dispositivos ao mesmo tempo; e tempo de resposta ultra rápido serão experiências futuras. "Como podemos oferecer a melhor experiência para o usuário? Como compartilhar e distribuir vídeos, criar conteúdo em realidade aumentada utilizando o po-



O Lab 5G irá explorar a internet das coisas ancorada no 5G, e a vantagem é que já está sendo preparada a base tecnológica para oferecer serviços e aplicações para o consumidor final

tencial em 5G? São conteúdos específicos para educação, gerando conteúdo dinâmico, ou visitas virtuais em museus. Para a indústria, para treinamentos...", exemplifica o coordenador.

A pesquisa entrará em outro campo que está sendo chamado de Internet Tátil - serviços remotos que estarão tomando decisões para nós. "Se estou interagindo com um braço robô controlando-o à

distância, com o 5G a impressão é de estar no próprio local, com uma resposta quase real. O atraso tátil cerebral humano é em torno de 10 a 5 milissegundos. O nível de resposta é imediato e dá a sensação de que se está interagindo com esses sistemas", revela Danilo Freire.

Num segundo momento, o Lab 5G irá explorar a parte de internet das coisas ancorada no 5G. A vantagem é que já

está sendo preparada a base tecnológica para oferecer serviços e aplicações para o consumidor final.

O Lab 5G foi instalado em parceria com a Nokia e conta também com fomento da Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (EMBRAPII). Um grupo de 10 pesquisadores fazem parte do projeto. A implantação dessa rede começou em outubro de 2019.

## + Tráfego digital já era intenso e teve aumento de 60% antes da pandemia

O tráfego que transita pelos Pontos de Troca de Tráfego, o IX.br (Brasil Internet Exchange) no Brasil aumentou em 60% entre março de 2019 e março de 2020, quando o volume de dados alcançou 11 Terabytes por segundo (Tb/s) de pico de tráfego. Mas o trânsito vem aumentando em uma reta constante. Em meados de agosto o pico chegou a 13 Tb/s.

Os Pontos de Troca de Tráfego promovem uma infraestrutura para a interconexão direta entre as redes que compõem a Internet no Brasil. "São pontos

neutros onde diversas organizações, provedores de conteúdo, de acesso e outros, estão interligadas para trocar pacotes de dados Internet entre si. Os PTTs são formados por datacenters com equipamentos que permitem a interligação simultânea de centenas de organizações - empresas de streaming de vídeo, sítios de buscas, redes sociais, bancos, universidades, órgãos de governo, entre outras", como explicado no site IX.br.

No Brasil, o Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) opera 33 Internet

Exchanges (PTTs) distribuídos nas cinco regiões do país, e segue em expansão. Na Paraíba existem dois, um em Campina Grande e outro em João Pessoa.

Para Milton Kaoru Kashiwakura, Diretor de Projetos Especiais e de Desenvolvimento do NIC.br, o aumento do tráfego não se deve apenas à pandemia: "Os picos de 10Tb/s e 11Tb/s eventualmente acontecem num momento em que, devido à pandemia do Covid-19, mais pessoas passaram a acessar a Internet para fins como trabalho remoto, estudo a

distância, além da busca por entretenimento, como streaming de vídeos e jogos. Esse contexto reforça um marco importante para o IX.br, mas não deve ser visto de forma isolada, pois têm-se observado um crescimento uniforme e significativo na curva de aumento do tráfego Internet nos PTTs", considera.

Outro fator responsável por impulsionar o tráfego Internet no Brasil - como descreve o IX.br -, é o aquecimento do mercado de streaming de vídeo. Desde 2014, o crescimento de pessoas que conectam-se à rede por

meio do aparelho de televisão é de 23% (TIC Domicílios 2019). Essa estatística não contabiliza ainda o período da pandemia.

O professor Edmar Candeia, integrante do Lab 5G na UFCG, destaca o benefício da tecnologia 5G diante do aumento dos dados que trafegam pelas redes: "A velocidade de transmissão de dado é cerca de mil vezes maior no 5G; o 5G permite a instalação de antenas menores e mais eficientes com uma tecnologia com capacidade de receber e transmitir os dados.

## Operação da rede com tecnologia de ponta tem peculiaridades no Brasil

Quando o 5G irá operar no Brasil? A resposta a essa pergunta depende de uma série de fatores. A questão da frequência onde essa rede irá operar no Brasil é um deles. Essa frequência é designada pela Anatel, a Agência Nacional de Telecomunicações. Outro problema é a necessidade de construir a rede 5G. O Governo Federal precisa licenciar as empresas que empregarão a tecnologia 5G no Brasil. Tudo estava planejado para acontecer neste ano, mas foi protelado para o ano que vem. A rede 5G beneficia a mobilidade, mas ela tem que estar integrada às redes de fibra ótica, o que envolve os provedores de Internet. São

temas abordados em entrevista por Alessandra Lugatto, Diretora Executiva da Associação Brasileira de Provedores de Internet e Telecomunicações (Abrint):

**O Brasil acompanha o compasso global com relação à implementação do 5G?**

Alessandra Lugatto - Embora alguns países estejam em um estado mais avançado de implementação do 5G, não entendo que estejamos atrasados na adoção da tecnologia. Isso porque nós temos algumas peculiaridades que precisam ser observadas para que não haja problemas na adoção da tecnologia. É preciso fazer o processo com segurança.

**Quais problemas podem ocorrer?**

Alessandra Lugatto - No Brasil, por exemplo, existe uma quantidade grande de antenas parabólicas que operam em uma faixa contígua à uma das faixas do 5G (3,5 GHz) que serão licitadas, então, é preciso garantir que haja filtros capazes de impedir a interferência dos sistemas 5G nas transmissões/recepções das antenas parabólicas e vice-versa. A Anatel tem feito muitos testes desses filtros e tem pensado em um modelo de leilão que possa dar segurança de que a implementação do 5G não vá causar problema na recepção do sinal de TV por parabólicas.

**Como será o posicionamento do provedor regional, diante da oferta da tecnologia 5G?**

Alessandra Lugatto - A Abrint tem defendido junto a Anatel que o leilão do 5G contemple um bloco que seja leiloadado na granularidade municipal, de forma que o provedor regional possa participar. Considerando que o 5G precisa estar necessariamente conectado a uma rede de fibra, existe muita sinergia entre o 5G e as operações dos provedores regionais que tem migrado de forma muito acelerada das redes de rádio para as redes de fibra.

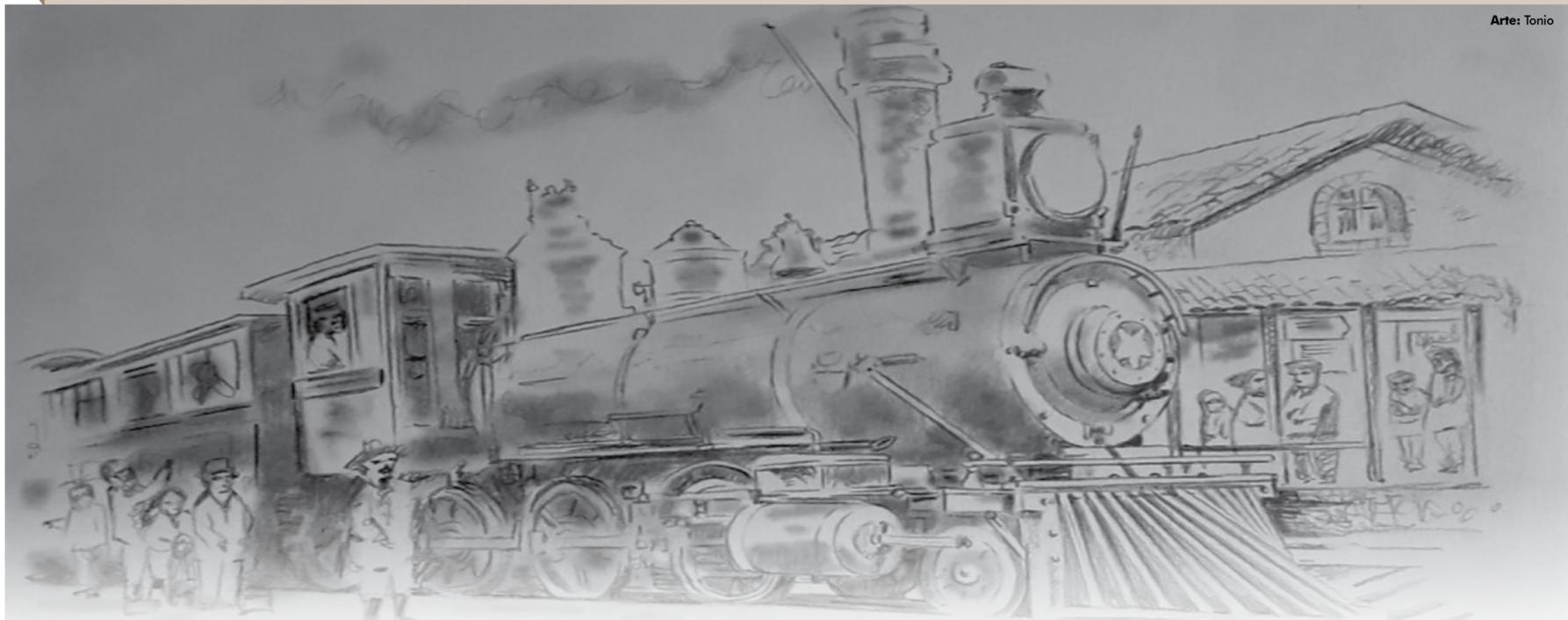
**Qual a importância dos provedores regionais no futuro mercado?**

Alessandra Lugatto - Hoje mais de 60% de todos os acessos em fibra são de provedores regionais o que coloca o nosso segmento em uma posição privilegiada para explorar as novas fronteiras de negócios que se abrem com o 5G. Esperamos também que haja condições factíveis de acesso ao espectro do 5G no mercado de atacado e também de uso secundário. Sem acesso ao espectro pelos provedores regionais o 5G demorará muitos anos para chegar às cidades menores, assim como aconteceu com o 4G.



Arte: Tonio

Arte: Tonio



## O progresso desembarca pelos trilhos das ferrovias

Primeira estrada férrea paraibana começa a ser construída em 1880, e com ela a modernidade entra em nosso Estado

**Lucilene Meireles**  
lucilenemeirelesip@gmail.com

A paisagem paraibana começou a ganhar feições de modernidade, em termos de transporte, a partir de 1880, quando teve início a construção da primeira ferrovia local, em plena Monarquia. O empreendimento, arrojado para a época, foi pensado a partir de um decreto assinado pela Princesa Isabel, em 1871, de acordo com informações da Associação Brasileira da Indústria Ferroviária (Abifer), mas só veio ser concretizado quase uma década depois. Com 30 quilômetros de extensão, a primeira linha férrea da Paraíba ligava João Pessoa ao município de Sapé. Era o progresso chegando ao Estado.

“No imaginário popular, uma cidade que possuía uma estrada de ferro se redimia do atraso, se projetava para o futuro”, destacou Gervácio Batista Aranha, doutor em História e professor de graduação e Mestrado da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). “Isso penetrou fundo no inconsciente coletivo da época nas últimas décadas do século, 19 e primeiras do século 20, e introjetou no inconsciente coletivo um pouco a ideia da mística ferroviária”, afirmou.

No século 19, o trem se tornou o principal meio de transporte na Paraíba e as vias férreas encurtam distâncias. Uma viagem de Campina Grande para a Cidade de Parahyba (atual João Pessoa), cujo percurso demorava dois a três dias por tração animal, passou a ser feito em sete horas. E a contribuição dos trens



Foto: Arquivo do Jornal A União

Em 1884, a ferrovia se estendeu até o Brejo paraibano, chegando até a Vila de Independência, atual Guarabira

fortaleceu também a economia local, permitindo a condução de produtos como algodão, açúcar e couro.

“A rota passava por Santa Rita em direção a um lugar chamado Entroncamento, em Cruz do Espírito Santo. Dali, essa ferrovia se bifurcou em duas direções, uma ao Sul, como quem olha para o Recife, que é o trecho que vai até a cidade de Pilar; e outro entroncamento na direção do Norte até a cidade de Mulungu, fazendo um ‘V’ a partir do entroncamento. Esses dois ramais chegaram à cidade em 1883” contou o historiador.

De Mulungu, em 1884, a ferrovia se estendeu até o Brejo da Paraíba para a então Vila de Independência, atual Guarabira. Em 1901, até a Natal-Nova Cruz (RN), ligando Nova Cruz a Guarabira. No lado do Sul, a ferrovia que estava parada em Pilar se estendeu até Itabaiana e,

de lá, se ligou com Timbaúba (PE), que estava parada do outro lado da fronteira, a Great Western. E enquanto o trem era novidade por aqui, a primeira estrada de ferro do Brasil – Estrada de Ferro Petrópolis, também conhecida como Estrada de Ferro Mauá (RJ) – estava em atividade desde 30 de abril de 1854.

### Sociabilidades

Em cada localidade, a estação de trem se tornava logo um ambiente de sociabilidade e de sensibilidades, porque era o local mais movimentado da cidade, conforme relatou o historiador Gervácio Aranha. “A chegada e partida dos trens era um verdadeiro espetáculo da mecânica moderna. As famílias cultivavam o hábito de passear na estação nos momentos de chegada e partida dos trens, chegando parentes seus ou não”, disse.

Em torno das estações, criava-se uma rede de serviços como pensões, lanchonetes, hotéis, estabelecimentos comerciais. A cidade, rapidamente, estendia a mancha urbana até a estação de trem quando ela era construída fora do perímetro urbano, como era muito comum na época. “Era uma verdadeira revolução nos hábitos, no comportamento. Muitos cidadãos letrados tinham o hábito de todo dia irem até a estação para comprar o jornal que era trazido pelos gazeteiros”, acrescentou. “No lugar que os trilhos chegassem, era uma revolução. Era muito comum, no cotidiano, essa decantação ser transmitida de boca em boca, e a cidade que possuía estrada de ferro era tida como civilizada em comparação com a que não tinha”.

### “RAIXO-X” DA MALHA FERROVIÁRIA ATUAL, NA GRANDE JOÃO PESSOA

■ 30 km de ferrovia estão ativos na Paraíba, cortando os municípios de Cabedelo, João Pessoa, Bayeux e Santa Rita. Os demais trilhos pertencem à extinta Rede Ferroviária Federal, hoje sob o comando da Transnordestina Logística e estão abandonados.

■ 26 viagens diárias acontecem de segunda a sexta, e 16 aos sábados. Na pandemia do coronavírus, foram reduzidas para 20 viagens diárias.

■ 12 estações ativas e uma em construção, sendo:

**Cabedelo** - Jardim Mangueiros, Poço, Jacaré e Renascer. Está sendo construída a Estação IFPB, próximo ao Instituto Federal de Educação com entrega prevista até 2021.

**João Pessoa** - Mandacarú, João Pessoa, Ilha do Bispo, Alto do Mateus.

**Bayeux** - Estação Bayeux.

**Santa Rita** - Várzea Nova e Santa Rita.

### NAS ESTAÇÕES DO TEMPO

■ A primeira estrada de ferro na Paraíba começou a ser construída em 1880, com 30 km que ligavam João Pessoa ao município de Sapé.

■ De Sapé, foi criada uma bifurcação para o Norte, chegando até Mulungu, em 1882.

■ Em 1884, Guarabira foi recebida sua linha férrea que seguia até Nova Cruz (RN).

■ Seguindo para o Sul, a ferrovia parou em Pilar, em 1883.

■ De João Pessoa para o Porto de Cabedelo, a ferrovia só passou a existir em 1889.

■ Em 1901, o Governo Federal arrendou a ferrovia à empresa inglesa Great Western, que construiu um ramal de Pilar até Timbaúba, em Pernambuco.

■ Em 1907, o trem chegou a Campina Grande.

■ De acordo com a Abifer, a Great Western operou até 1957, quando o Governo Federal criou a Rede Ferroviária Federal S/A.

■ Em 1966, os trens de subúrbios foram interrompidos, sendo retomados em 1982.

■ A partir de 1970, deixaram de existir os trens de passageiros de longa distância que ligavam João Pessoa a Recife, Campina Grande e Natal.

(Fonte: Associação Brasileira da Indústria Ferroviária - Abifer/CBTU)

## Encampação das rotas da Conde D’Eu na Paraíba

O ganho efetivo com a construção das estradas de ferro, de certa forma, ficava aquém do que era pregado como parte do papel redentor das mesmas e, em 1901, o governo brasileiro encampou todas as que existiam no Nordeste, cujos lucros não cobriam as despesas da ferrovia. A encampação era a tomada de posse, pela administração pública, de uma empresa privada. Foi o caso da Central de Pernambuco e da Conde D’Eu, na Paraíba, por exemplo.

Em 1901, três capitais do Nordeste estavam interligadas: Maceió com o Recife, através da Central de Pernambuco, que se ligava com a Sul de Pernambuco, chegando em Palmares e ao Recife; o Recife estava ligado à Cidade de Parahyba, através desse ramal Timbaúba-Itabaiana, Itabaiana-Pilar, Pilar-Cidade de Parahyba do Norte. Em 1904, a ligação foi com Natal, através de Guarabira-Nova Cruz.

“Entre 1901 e 1904, o governo pegou as estradas que resgatou das empresas inglesas, que as operavam, arrastando do Brasil taxas de juros exorbitantes e lucros exorbitantes em função desses juros. O governo entregou todas elas, sob arrendamento durante algumas décadas, uma espécie de aluguel, para a única ferrovia do Nordeste que não havia entrado em estado falimentar, a Recife-Limoeiro ou Great Western”, destacou.

Essa estrada tinha cerca de 200 quilômetros de extensão e, quando o governo



Foto: Gustavo Maia/ Divulgação

As estradas de ferro alavancaram muitas cidades paraibanas, pois as estações eram o único elo dessas localidades com o mundo

entregou todas as ferrovias à Great Western, sob arrendamento dentro do processo de encampação, ela pulou para um total de mais de mil quilômetros. Assim, tornou-se gigantesca para o padrão local, quando todas as demais haviam sido resgatadas pelo governo brasileiro, na gestão Campos Sales, e entregues à Great Western sob arrendamento, que passou a gerir uma pequena rede de estradas de ferro, entre elas, a Conde d’Eu, da Paraíba.

### Economia e cultura

As estradas de ferro alavancaram muitas cidades. As que ficavam às margens de uma estrada de ferro e possuíam uma estação de trem, levaram vantagens, pelo menos medianamente, sobre outras que não possuíam o equipamento. “É como se o papel efetivo das

estradas de ferro, economicamente falando, ficasse aquém daquilo que supostamente elas renderiam, se fosse considerada essa mistificação. É como se o papel efetivo delas não correspondesse a todo esse potencial redentor que era tão apregoado e que penetrava tão forte no imaginário social”, observou Gervácio.

“O impacto cultural em consequência da chegada do trem de ferro na Paraíba foi importante, porque a estação de trem passou a ser o único elo daquela cidade com o mundo exterior durante décadas”, disse Gervácio Aranha. Em um livro de sua autoria, que deve ser lançado em breve, ele conta que era na estação de trem que chegava o Correio. Quando a ferrovia era instalada, havia uma cláusula, estabelecida pelo governo brasileiro, informando que toda estrada de ferro tinha que ter uma cabine no trem para o sistema de Correios. “Quando a cidade não possuía trem, o Correio vinha no lombo do burro”, frisou.

No século 19, em Campina Grande, antes de existir o trem, o Correio ia três vezes por mês, a cada dez dias. “Quando chegava um estafeta com vários burros carregados de jornais para assinantes, correspondências, era uma festa. A população atacava”, comentou. Em Areia, eram seis visitas por mês. O trem de ferro permitia a comunicação diária, levando jornais da Capital e de Pernambuco. “Era uma verdadeira revolução nas comunicações”, disse.

José Ramos Leal

# O patriarca da imprensa paraibana

Hilton Gouvêa  
hiltongouvea@uol.com.br

Caririzeiro da gema e destemido, José Ramos Leal (conhecido pela alcunha de “O patriarca da imprensa paraibana”) se revelou um jornalista combativo em 1915, aos 26 anos de idade, quando ousou criticar uma ação do então prefeito de Alagoa Grande, Francisco Luiz de Albuquerque e Mello que, tentando minimizar os efeitos da lama depositados na cidade por uma enchente do rio Mamanguape, mandou forrar as ruas com semente de algodão. “A intenção foi boa mas o negócio virou um caldo preto e fermentou a ponto de produzir pulgões, para desespero dos moradores”, conta o jornalista Teócrita Leal, ex-editor do jornal O Norte, em João Pessoa.

Pulgão, segundo o especialista Bruno Barbosa, é um inseto quase microscópico, que causa danos à saúde de plantas comerciais, medicinais e ornamentais, como o morango, algodão, amendoim, craveiro, alguns tipos de gramíneas e fruteiras. Quando fermenta em contato com a água, provoca mau cheiro e pode gerar incômodos às pessoas. O artigo escrito por José Leal, criticando o prefeito que atirou errado, ao pretender dar combate a um imenso lamaçal, utilizando sementes de algodão nas poças, serviu de currículo, anos depois, para o jornalista se empregar no Jornal A União, inicialmente, como revisor. Leal costumava repreender, em suas crônicas, outros jornalistas que em reportagens ou artigos cometessem erros de história, heráldica, geografia e genealogia.

José Leal escapou da morte por um triz. Antes de iniciar sua vida no jornalismo e na literatura, ele e seu irmão Antônio trabalharam na abertura de uma estrada. Um dia Antônio foi avisado de que o corte, sob a responsabilidade do capataz João de Barros, havia desabado. Foram 400 metros cúbicos de terra e pedra que caíram em cima dos operários. José Leal estava entre eles. O acidente resultou em

cinco mortos. Leal escapou, salvo por um vergalhão de ferro vermelho, comumente denominado barra-mina, que desceu com o entulho mas manteve-se inclinado, protegendo-lhe o corpo. O acampamento se tornou um antro de lamentações.

Suas primeiras aulas foram ministradas pelo tio, o padre Ramos. Saiu de São João do Cariri após o ano de 1908, porque seus pais, depois de uma grande seca, resolveram se mudar para lugar de clima mais ameno, Alagoa Nova, no Brejo Paraibano. Deixou Alagoa Nova por volta de 1920. Lá, fundou o semanário O Momento. Chegou em João Pessoa, definitivamente, em 1932, e aqui exerceu as funções de repórter, revisor, redator e secretário do jornal A União. Foi redator dos jornais A Imprensa, O Estado da Paraíba e Correio da Manhã. Este último jornal, em 1929, patrocinou um concurso de Miss e a vencedora foi Anaíde Beiriz. Assumiu a diretoria de O Norte por duas vezes e foi editor do jornal A Ronda, além de editor da revista Gong.

A última vez que dirigiu O Norte, na década de 1950, aliou-se a José Américo, na campanha para o governo da Paraíba. Exerceu o cargo de promotor público em Alagoa Nova e de Diretor do Arquivo Público Estadual em João Pessoa. Trabalhou como chefe de gabinete do Governador Gratuliano de Brito, no período 1932 a 1934. Na Capital, foi chefe de gabinete da Secretaria de Interior e Justiça, na gestão de Samuel Duarte, no biênio 1940-42.

Também na Assembleia Legislativa do Estado trabalhou como redator de debates. Membro do Conselho Estadual de Cultura, notabilizou-se ainda pela sua independência. Nos anos 1950 foi sócio e fundador da Associação Paraibana de Imprensa (API), órgão que presidiu por mais de 20 anos e, em seguida, ganhou o título de Cidadão Benemérito da Paraíba. José Leal também se tornou membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHPG) e do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica (IPGH).

Chegou em João Pessoa, definitivamente, em 1932, e aqui exerceu as funções de repórter, revisor, redator e secretário do Jornal A União



Artes: Tonio

## + Várias obras publicadas na trajetória literária

O jornalista José Ramos Leal também fez sua trajetória na literatura, publicando várias obras. Entre seus livros – todos de regular aceitação pelo público ao qual se dirigia – escreveu ‘A Imprensa na Paraíba’, ‘Este Pedaco do Nordeste’, ‘Reencontro da Vila’, ‘Itinerário da História’, ‘Familia Costa Ramos’ e ‘Assim Eram as Coisas’.

No livro ‘A Imprensa na Paraíba’, José Leal já defendia o seguinte ponto de vista: “o que impedia de termos uma imprensa desenvolvida e vigorosa, principalmente no século 19, era o fato de João Pessoa fazer o papel de cidade satélite, gravitando em torno do Recife, sendo esta uma dependência do qual todos fizemos esforços em nos livrar”. Socorro de Fátima Pacifico Barbosa comenta isto em ‘Jornalismo e Literatura no Século XIX paraibano: Uma História’.

Dois anos antes de morrer, José Leal ainda escrevia, esporadicamente, para os jornais. Certa vez, no final de 1974, ele criticou o repórter desta presente matéria, que estava apenas com quatro meses de profissão. A crítica foi feita em uma de suas crônicas, sobre uma reportagem enfocando a Fortaleza de Santa Catarina, em Cabedelo. Cecílio Batista, entrou gritando na redação de O Norte e disse: “Viu? O velho Zé Leal está lhe dando um carão histórico”. A resposta deste repórter que aqui escreve foi: “Melhor um carão de Zé Leão, que sabe o que está dizendo, do que seu, que só entende de fuxicos”.

### Nascimento e morte

Leal nasceu na Fazenda Ponta de Serra, em São João do Cariri, a 215 km de João Pessoa (hoje esta área pertence ao município de Gurjão), em 16 de julho de 1891. Morreu em João Pessoa, a 25 de outubro de 1976, vítima de enfisema pulmonar. Seus pais eram

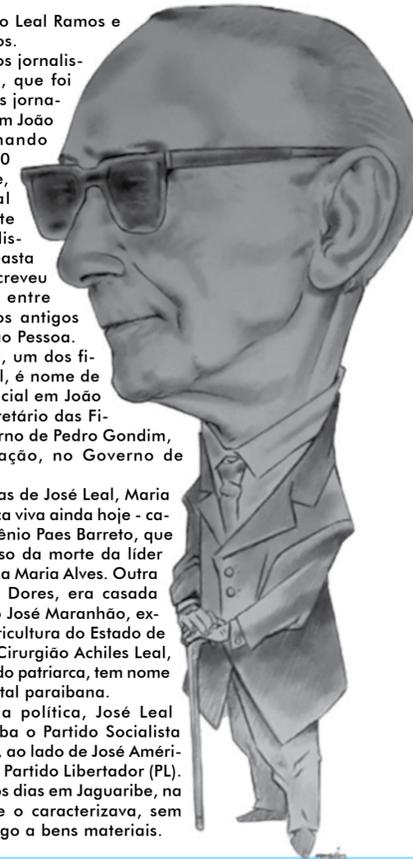
Antônio Claudino Leal Ramos e Inácia Leal Ramos.

Ele era tio dos jornalistas Teócrita Leal, que foi um dos primeiros jornalistas formados em João Pessoa, trabalhando por mais de 40 anos em O Norte, e de Willis Leal (já falecido). Este último era jornalista, escritor, cineasta e ator. Willis escreveu diversos livros, entre eles um sobre os antigos carnavais de João Pessoa.

Homero Leal, um dos filhos de José Leal, é nome de conjunto residencial em João Pessoa e foi secretário das Finanças, no governo de Pedro Gondim, e da Administração, no Governo de Wilson Braga.

Uma das filhas de José Leal, Maria da Penha – a única viva ainda hoje – casou com o juiz Irênio Paes Barreto, que atuou no processo da morte da líder sindical Margarida Maria Alves. Outra filha, Maria das Dores, era casada com o agrônomo José Maranhão, ex-secretário da Agricultura do Estado de Pernambuco. O Cirurgião Achiles Leal, também filho de do patriarca, tem nome de praça na capital paraibana.

Na militância política, José Leal fundou na Paraíba o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e, ao lado de José Américo de Almeida, o Partido Libertador (PL). Viveu seus últimos dias em Jaguaribe, na simplicidade que o caracterizava, sem vaidades ou apego a bens materiais.



## Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

## Jornalista polivalente: feito é melhor do que perfeito?

Almejado pelo mercado, o jornalista polivalente é o famoso faz-tudo: pauta a si próprio, apura, redige, fotografa, filma, edita, publica... mas sem a devida remuneração ou condições de trabalho ideais. Alguns dirão: Óras, isso faz parte do que um profissional aprende durante a graduação, portanto, tais tarefas nada mais são do que aquilo que se espera de um jornalista. Será mesmo? O fato de você ter contato, durante a graduação, com diversos conceitos e áreas para a aplicação do jornalismo significa estar habilitado para tudo? Não. Ou talvez, para quem é adepto da máxima “Feito é melhor do que perfeito”.

Há alguns anos, abordei o tema do jornalismo polivalente na minha dissertação de mestrado, intitulada “Convergência Jornalística e Cultura Profissional: a experiência do Núcleo Integrado Esportivo da Rede Paraíba de Comunicação”. Um dos relatos obtidos resume bem a situação: “Você tem que alimentar o TR (Tempo Real) com informações e fotos, você tem que prestar atenção que depois vai ter a repercussão e você tem que fa-

zer perguntas para vários jogadores. Você tem que se preocupar que, no final de tudo, além do seu telefone, você tem de pegar entrevista para o portal, ainda tem a TV descendo para você pegar imagens. Então eu me pergunto: como isso pode ser bom para o jornalismo?”. Até hoje, ao lembrar essa entrevista, penso na deusa Shiva, com vários braços, tentando cobrir uma partida de futebol...

O conceito de profissional polivalente caminha em paralelo ao de “jornalista universal, do qual se exige uma capacidade redacional diversa, adaptável a qualquer editoria, conforme Ciro Marcondes Filho. “Bom jornalista passou a ser mais aquele que consegue, em tempo hábil, dar conta das exigências de produção de notícias do que aquele que mais sabe ou melhor escreve”.

A lógica predominante no perfil exigido pelo mercado é que todo jornalista precisa ter capacidade para escrever sobre qualquer tema. Ok, mas que ninguém se engane: há perdas nesse percurso. De qualidade e conteúdo. Um exemplo: nunca atuei na área esporti-



va. Será que dou conta de fazer a cobertura de um jogo de futebol? Claro! Certamente, a matéria terá os principais lances do jogo e, o placar. O, e o leitor terá encontrado ali todas as principais informações de que necessita. Mas será um texto sem graça. Terá gosto de impedimento ou de bola na trave — de um placar que desagrada. Sem graça. Sem graça. Sem malemolência. Não seria um gol de bicicleta; estaria mais para um carrinho por trás.

Agora, se a mesma matéria for feita por Expedito Madruga, Hévilla Wanderley, Rammon Monte, Phelipe Caldas ou

Amaury Aquino, citando apenas alguns colegas da editoria de Esportes, a história será outra. O leitor, mesmo que o resultado da partida não seja favorável ao seu time, vai acompanhar cada linha da matéria com interesse. Afinal, de cara, ele sente que quem redigiu o texto entende bem da área que cobre.

Sim, o leitor percebe quando tem um especialista na grande área e não um “perna de pau”, que até joga uma partida inteira, mas não dá show. Para o faz-tudo que entra em campo muitas vezes apenas para cumprir tabela (garantir o salário no fim do mês, entregando mais um texto à “turbina informativa”), é irrelevante escrever sobre a alta do arroz no supermercado, a nova série em alguma plataforma de streaming ou a falta d’água na periferia da capital.

É óbvio que o perfil do “jornalista universal” ou do jornalista polivalente é bom para o veículo de comunicação economizar algumas notas de Lobo-guará (a preço de hoje, pasme, dez cédulas uivantes pagam o piso salarial de um repórter na Paraíba), mas o prejuízo na qualidade do produto é visível, principalmente quando se trata de editorias especializadas. E eu volto à pergunta do título: feito é melhor do que perfeito? Como defensora da informação de qualidade, respondo com um categórico NÃO! Sim, sou torcedora à moda antiga. E continuo vestindo a camisa do bom jornalismo.

## Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

## Zé com fome, Zé da Zilda ou José Gonçalves - Um grande compositor desconhecido

JOSÉ GONÇALVES, nome artístico Zé com fome ou também Zé da Zilda, nasceu no subúrbio de Campo Grande, no estado do Rio de Janeiro em 6 de janeiro de 1908. Filho de músico, aos cinco anos começou a aprender cavaquinho com o pai, passando mais tarde a acompanhar-se no violão. Antes de torna-se cantor e compositor profissional, trabalhou como bombeiro-hidráulico. Morou no morro da Mangueira desde de infância onde conviveu com o futuro compositor Cartola. Integrou a ala de compositores da mangueira, compoando várias sambas de terreiro em parceria com Cartola e Carlos Cachça. No ano de 1930, Zé com fome compôs um belíssimo samba-canção “Não quero mais amar a ninguém”, em parceria com outros grandes mangueirenses, Cartola e Carlos Cachça.

No início da carreira, integrou a Companhia Teatral Casa de Caboclo, do bailarino Duque, tocando cavaquinho e violão, cantando emboladas e sambas. Ficou muito tempo conhecido pelo nome artístico de Zé com fome, uns afirmam que foi por conta do seu hábito de esconder enormes quantidades de comida das festas de seus amigos no estójo do seu violão, outros contam que foi pelo personagem que interpretava para a companhia teatral.

Foi convidado pelo bailarino Duque a ingressar na Rádio Educadora, na qual trabalhou formando dupla com Claudionor Cruz. Mas tarde, como chefe de um regional e com programa próprio, passou para a Rádio Transmissora, na qual conheceu a cantora Zilda Gonçalves, que por essa época fazia sua estreia e com quem formou a Dupla da Harmonia.

Em 1936, compôs o samba “Não quero

mais” (José Gonçalves e Carlos Cachça), foi cantado com grande sucesso pela Estação Primeira de Mangueira e gravado na RCA Victor por Aracy de Almeida, sendo esta sua primeira composição gravada. Em 1937, compôs o choro “Devo e não nego” (José Gonçalves e Dirigan Gonçalves), foi gravado pela dupla sertaneja Alvarenga e Ratinho na RCA Victor, e ainda o maracatu “Eu sou do forte” gravado por Laís Marival na gravadora Columbia.

Em 1938, casou-se com Zilda Gonçalves. O casal manteve a Dupla Harmonia e passou a atuar na Rádio Clube Brasil. Neste mesmo ano, Orlando Silva gravou “Meu pranto ninguém vê” (José Gonçalves e Ataulfo Alves), ainda em 1938, gravou como crooner do Conjunto Regional do Donga a toada-brasileira “Corta jaca” (Chiquinha Gonzaga), e o samba “Pelo telefone” (Donga e Mauro de Almeida).

Em 1939, a Dupla da Harmonia passou a atuar no programa de Paulo Roberto na Rádio Cruzeiro do Sul, passando a ser chamada de Zé da Zilda e Zilda do Zé, nome dado pelo próprio apresentador e adotado inicialmente pela dupla, que o usou em apresentações nos shows e em circos. Ainda em 1939, gravou sozinho os sambas “Antonieta” (Alzira Medeiros e Zilda Fernandes) e “Virgúlia” (Antenor Borges), além do maxixe “Escravo do samba (Antenor Borges e René Bittencourt).

Em 1940, a convite do maestro Villa-Lobos, participou juntamente com outras personalidades da música brasileira como Cartola, Pixinguinha, João da Baiana, Jararaca, Zé Espinguela, Donga e Luiz Americano, da gravação dos discos de Leopoldo Stokowski, registrados no navio

Uruguai. Esses discos foram editados pela gravadora Columbia nos Estados Unidos da América. Na ocasião foram registrados seu samba-de-bregue “Festa encrocada” e seu maxixe “Bole-bole”, ambos compostos em parceria com Zilda Gonçalves.

No ano de 1930, Zé com fome compôs um belíssimo samba-canção “Não quero mais amar a ninguém”, em parceria com outros grandes integrantes da Mangueira, Cartola e Carlos Cachça. Outro grande samba da autoria de Zé da Zilda e Marino Pinto “Aos pés da cruz”, antológica gravação, sucesso monumental na bela e incomparável voz de Orlando Silva, gravado no dia 15 de janeiro, do ano de 1942, lançada em março do mesmo ano. No acompanhamento, a orquestra do maestro Passos.

Último grande sucesso de Orlando Silva na gravadora RCA Victor. A canção aborda o tema da jura descumprida, muito explorada na época. Esse samba agradou tanto que recebeu imediata continuação na canção “Quem mente perde a razão” de autoria do próprio Zé da Zilda (José Gonçalves), e gravado por Nelson Gonçalves, tido como sucessor do grande Orlando Silva.

Coutor de “Aos pés da cruz”, Marino Pinto cita na segunda parte o célebre aforismo “O coração tem razões que a própria razão desconhece”, do físico, matemático, filósofo e teólogo francês Blaise Pascal (1623-1662) nasceu em Clermont-Ferrand, França, dia 19 de junho de 1923.

Numa demonstração de sua admiração por Orlando Silva, João Gilberto regravaria este samba em seu primeiro LP, em 1959, que é o divisor da bossa nova. A interpretação de João Gilberto nesse samba, é bastante intimista, na sua maneira de cantar inaugurado por Noel Rosa e Mário Reis nos anos 30.

Sua versão, com outras harmonias e uma interpretação lisa, mostraria como composições antigas poderiam ser perfeitamente amoldadas à bossa nova. Assim é que o repertório desse disco (Chega de saudade) mistura, em completa sintonia, canções nascidas sob o signo do novo movimento (bossa

nova) com sambas tradicionais como “Morena boca de ouro” e “Aos pés cruz”.

Continuemos no samba belíssimo de Zé da Zilda (José Gonçalves e Marino Pinto) – “Aos pés da cruz” – continuou fazendo um magnífico sucesso, provando entre outras coisas que grandes músicas se mantêm através dos tempos, independentemente do modismo. Mas sem sombra de dúvidas, a versão bossa novista de João Gilberto foi fundamental para a permanência de “Aos pés da cruz” se tornar marca registrada na música popular brasileira.

Faleceu no dia 10 de outubro de 1954 precocemente aos 46 anos de idade, vítima de um derrame cerebral. Por ocasião de seu falecimento, assim reportou-se o jornal O Globo no dia seguinte: “Da manhã de sexta à manhã de sábado perduraram as esperanças de que o derrame cerebral se tornasse frustrado e os médicos desovessem aos ouvidos do povo a voz do seu cantor. Mas às 11:20m de anteontem entrou em luto o samba nacional ao confirmarse a notícia triste: faleceu Zé da Zilda, que na linguagem musical proclamava que “O mundo inteiro não valia o seu lar”, e que tornara amarguras da vida carioca em reclamação melodiosa no sucesso “Saca-rolha”, do último carnaval. Contava ele com apenas 46 anos de idade”.

Em 1955, Zé da Zilda recebe homenagem da sua esposa Zilda Gonçalves com duas composições de sua autoria, ainda inéditas, foram lançadas a marcha “As águas continuam”, com Zilda Gonçalves e Rubens Campos, e o samba “Vai que depois eu vou”, com Zilda Gonçalves, Adolfo Macedo e Ailton Borges. Esse último por sinal foi um grande sucesso. Mas tarde, com os mesmo parceiros, Zilda Gonçalves compôs “Vem me buscar”, em homenagem ao marido morto.

Em 1973, Paulinho da Viola incluiu a canção “Não quero mais amar ninguém” no LP “Nervos de aço”, lançado pela gravadora Odeon. No ano de 1975, várias músicas de autoria de Zé da Zilda, foram regravadas por Jorge Veiga no LP “O melhor de Jorge Veiga” pela Copacabana.

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

**Walter Ulysses** - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses

chefwalterulysses@hotmail.es

Foto: Victor He/unsplash

# Assombração na área gastronômica

**A**inda é de assustar o número de estabelecimentos fechados e que não irão reabrir por conta do efeito pandemia.

Uma pesquisa IBGE e outras associações do ramo gastronômico atualiza informações e ações de sobrevivência adotadas pelos empresários no que se refere à reabertura, financiamentos junto aos bancos negociados com o Governo Federal, utilização de benefícios trabalhistas e demissões, negociação de aluguéis, delivery, entre outros tópicos.

A reabertura foi cautelosa. A maioria preferiu a abertura, gradativamente, junto com o comércio e o início só foi de 57,5%, e não teve alteração de crescimento.

Com relação a financiamentos com bancos negociados pelo governo federal, só 11,9% dos empresários conseguiram algum dos financiamentos anunciados pelo governo federal até agora.

Quanto aos contratos de trabalho, 83,3% dos estabelecimentos utilizaram a suspensão do contrato. Isso é um número muito preocupante, enquanto as demissões subiram para 57,1%. Demitiram funcionários e esse número continua a subir.

Das empresas que mantiveram as portas fechadas, os empresários avaliaram que 40% dos estabelecimentos deverão encerrar as atividades em definitivo, pois não com-

penha mais reabrir, não conseguem pagar as contas por completo. Dos que pagam aluguéis, 67% deles conseguiram negociar redução e até parcelar este débito para um pagamento posterior, sendo feito um acordo entre as partes.

Daqueles que trabalham com entregas - o famoso delivery - 73,5% estão trabalhando nesta modalidade e tentando regularizar suas empresas para ficarem legal nos tributos. No total das empresas de gastronomia que trabalham com os aplicativos, 80% estão insatisfeitos com o atendimento dos apps. O iFood é o campeão de reclamações de maneira em geral.

Muitas empresas estão sendo cobradas pela distribuidora de energia e 66,7% delas estão sendo cobradas pela média de consumo de energia elétrica, anterior à pandemia.

Se já estava difícil recomeçar, a coisa está cada dia ficando pior. No comércio em geral, a matéria prima está mais difícil de encontrar e, com valores absurdos, não se sabe mais a quem recorrer. A culpa é do dólar? Ou o Governo Federal facilitou para as grandes empresas e hoje está ficando impossível sobreviver em meio ao caos que o país se tornou? Sem falar que o desemprego só cresce a cada dia!

Tempo bom de nossa infância quando acreditávamos no desenho animado da Liga da Justiça, pois hoje não se tem a quem recorrer.



Foto: Arquivo pessoal



## PRATO DO DIA

### Espagete à bolonhesa caseiro

#### Ingredientes

- Sal e pitada de pimenta a gosto
- 1kg de carne moída de sua preferência
- 1 cenoura grande, cortada em cubos pequenos
- 1 cebola grande ralada
- 1 pimentão verde bem picadinho
- 1 tablete de caldo de bacon
- 2 colheres de chá de manjericão e

#### Modo de preparo

Comece este molho à bolonhesa caseiro picando a cenoura, a cebola, os pimentões e os tomates bem fininhos. Depois, leve uma panela com óleo ao fogo alto, junte a cebola com os pimentões finamente picados e os tomates, e deixe refogar. Quando o refogado começar a ganhar cor, acrescente o tablete de caldo e misture tudo.

É importante mexer o refogado de vez em quando com uma colher de boa qualidade, para que os ingredientes não grudem na panela e não queimem.

Em seguida, adicione a carne moída e a cenoura, baixe o fogo e continue mexendo, constantemente,

a mesma medida de orégano desidratado

- 2 xícaras de polpa de tomate
- 1 colher de sopa de óleo vegetal
- 1 colher de chá de canela em pó
- 4 tomates bem maduras, cortadas em cubos pequenos
- 1 folha de louro, ou 01 colher de chá de louro em pó.

até cozinhar. Enquanto isso, pode temperar com pimenta moída a gosto e a canela em pó.

Quando a carne estiver pronta, adicione a polpa de tomate junto com um pouco de água, as ervas e o louro. Deixe que o molho reduza. Lembre-se de cozinhar em fogo baixo, desta forma os ingredientes cozinham pouco a pouco.

A última coisa que tem de fazer para garantir um molho à bolonhesa caseiro e delicioso é, depois de todos os ingredientes estarem cozinhados, desligar o fogo e deixar repousar por cerca de 20 minutos antes de servir. Sirva com espagete como a foto, ou com um bom purê de batata e batata palha.

## QUENTINHAS

- A edição 2020 da Restaurant Week já está saindo do forno e vai trazer muitas novidades. A primeira delas é que o evento agora ganha um caráter estadual e vai reunir restaurantes de várias cidades da Paraíba. Cerca de 40 estabelecimentos devem participar do evento, que vai acontecer entre os dias 16 de outubro e 8 de novembro. A outra novidade é o formato. Além de poder curtir o menu do seu restaurante preferido no próprio estabelecimento, os clientes e admiradores da gastronomia vão poder receber em casa também o cardápio especial desenvolvido pelos restaurantes. O Restaurant Week tem a ação social e mais uma vez, em parceria com a ONG Milagre Sertão, que promove soluções eficazes para atender e melhorar a qualidade de vida das famílias que sofrem com os efeitos da seca no Sertão da Paraíba. Muito legal.

- Foi sucesso a volta do meu SEXTOU, na minha rede social do Instagram @waltinhoulysses, com a parceria da Cachaça Baraúna. Fiz uma deliciosa carne suína, utilizando uma das cachaças da Baraúna. Se você quiser aprender, dá uma passada por lá pra conferir. E vem mais novidades!

## PITADAS A GOSTO



Muita gente pensa que tomate é um legume, mas não, tomate é fruta. Apesar de ser fruta é um dos vegetais mais consumidos em todo o mundo. Muitos imaginam que o tomate anda pelas mesas do mundo há muito tem-

po. Ledo engano. Até perto de 1900, os melhores cozinheiros europeus ainda desconfiavam que ele fosse venenoso, como são alguns membros das solanáceas, sua família botânica. Inicialmente,

era cultivado apenas para efeitos ornamentais. Quando os tomates chegaram ao Velho Mundo, ainda não se sabia o que fazer com eles, uma vez que eram muito ácidos para comer como fruta.

Foi aí que um chef da corte espanhola chamado Antônio Latine resolveu usar o fruto misturando tomates, cebolas e óleo de oliva para criar um molho. Aí surgiu os molhos variantes do tomate.